

XXI CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS  
O HUMOR NA LITERATURA

# CADERNO DE RESUMOS PROGRAMAÇÃO



Vitória, outubro de 2019

XXI CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS  
O HUMOR NA LITERATURA

**CADERNO DE RESUMOS**  
**PROGRAMAÇÃO**

Leni Ribeiro Leite  
Paulo Roberto Sodré  
Wilberth Salgueiro

XXI CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS  
O HUMOR NA LITERATURA

**CADERNO DE RESUMOS**  
**PROGRAMAÇÃO**

2



**Vitória, outubro de 2019**

**Universidade Federal do Espírito Santo**  
Reitor: Reinaldo Centoducatte

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação**  
Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Centro de Ciências Humanas e Naturais**  
Diretor: Renato Rodrigues Neto

**Programa de Pós-graduação em Letras**  
Coordenadora: Arlene Batista da Silva

**Comissão Organizadora**  
**XXI Congresso de Estudos Literários – O humor na Literatura**  
Leni Ribeiro Leite  
Paulo Roberto Sodré  
Wilberth Salgueiro

**Revisão dos resumos**  
Os autores

3

**Projeto gráfico e editoração eletrônica**  
Os organizadores

## Sumário

---

<b>Apresentação</b>	5
<b>Resumos</b>	6
<b>Conferências</b>	7
<b>Mesas-redondas</b>	8
<b>Simpósios temáticos</b>	11
<b>Simpósio 1:</b>	
BALBÚRDIA: HUMOR POLÍTICO E MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA	11
<b>Simpósio 2:</b>	
O HUMOR NA CANÇÃO	22
<b>Simpósio 3:</b>	
RETÓRICA E HUMOR NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	28
<b>Simpósio 4:</b>	
TEORIAS SOBRE O HUMOR	33
<b>Simpósio 5:</b>	
HUMOR, POESIA E FORMAÇÃO CRÍTICA	38
<b>Simpósio 6:</b>	
ENTRE RISOS E LUTAS: O HUMOR COMO CRÍTICA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	45
<b>Simpósio 7:</b>	
O HUMOR NA LITERATURA ESTRANGEIRA: “É ENGRAÇADO PRA QUEM?”	53
<b>Programação</b>	61
<b>Sinopse da programação</b>	62
3 de outubro	63
4 de outubro	68
<b>Orientações gerais para apresentação dos trabalhos</b>	72
<b>Localização da Ufes e indicações de hospedagem e restaurantes</b>	74

## Apresentação

---

O Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) apresenta a XXI edição do Congresso de Estudos Literários.

“Qual é a graça disso?” - Pode perguntar alguém diante da comédia de Aristófanes, do escárnio de Pero da Ponte, dos contos de Voltaire, dos poemas de Oswald de Andrade ou das crônicas de Luis Fernando Verissimo. As respostas, claro, dependerão da compreensão de quem escreve humor literário e sobretudo de quem o recebe, atrelado que está a um tempo, a um lugar, a uma circunstância, a um estilo que garantirá o gatilho para se produzir e receber-se o texto humorístico em prosa ou verso.

5

Refletir e discutir, mais do que “responder” a respeito de como, quando, onde, quem, sobre quem, sobre o que se faz humor, é o que pretende o **XXI Congresso de Estudos Literários. O humor na literatura**, reunindo professores, pesquisadores e estudiosos, de modo a favorecer discussões atualizadas sobre as relações entre humor e texto literário, focalizando o tema em diferentes abordagens e metodologias.

Com esse propósito, damos as boas-vindas aos congressistas.

Vitória, 3 de outubro de 2019

Comissão Organizadora

Leni Ribeiro Leite  
Paulo Roberto Sodré  
Wilberth Salgueiro

# Resumos

6



## Conferências:

---

### Conferência de abertura:

#### "MILAGRES DO BRASIL SÃO": A SÁTIRA AO AMOR FREIRÁTICO NAS LETRAS SEISCENTISTAS

Ana Lúcia Machado de Oliveira  
(UERJ)

Frequente nas letras medievais, a tópica dos amores freiráticos é retomada na sátira que circula na Bahia no século XVII, a qual dramatiza, em um registro deformante, os discursos institucionais e as murmurações informais da sociedade da época acerca das visitas masculinas aos conventos e das "amizades ilícitas" das freiras. Ao reiterar metaforicamente os discursos oficiais sobre esse tema ou ao deslocá-los obscenamente, a sátira ao amor freirático mimetiza os preceitos do amor cortês e suas técnicas eróticas, transformando a galanteria em estilo baixo e o encômio, em vitupério. Conforme demonstrarei, essa mudança convoca comumente a paródia da lírica amorosa e dos lugares comuns do petrarquismo. Além disso, destacarei como, na perspectiva misógina da *persona* satírica, a descrição obscena dos corpos das freiras e de seus amantes, assim como a imitação licenciosa das trocas de cartas e de alimentos entre eles, funcionam como táticas empregadas para satirizar a "santa sede" das freiras.

7

### Conferência de encerramento:

#### LUGARES DE RISO: A PSICANÁLISE E OS LIMITES DO HUMOR NA ATUALIDADE

Daniel Kupermann  
(USP)

Pretende-se problematizar os limites do humor na atualidade a partir dos lugares envolvidos na produção do ato humorístico descritos por Freud. Entende-se que o humor implica necessariamente uma mescla de erotismo e destrutividade ("não há piada politicamente correta"); nesse sentido, pode provocar tanto a desterritorialização criadora, seu alvo privilegiado, quanto a humilhação e o ressentimento, promotores da violência na vida social.



## Mesas-redondas:

---

### Mesa-redonda 1

#### HUMOR E HUMORES NA LITERATURA: RINDO COM HOMERO, CERVANTES, SHAKESPEARE *ET ALII*

Manoel Herzog  
Escritor

O primeiro homem que riu não o fez senão por obra do diabo, segundo Thomas Mann, um escritor cuja obra não é propriamente humorística. Parece certo definir que o Homem ri por se defender do horror da Existência, ou seja, ri-se do que é terrível. Nas grandes epifanias, nas conversões, nos alívios e revelações, na alegria, o Homem em verdade chora, um choro redentor. O riso é, assim, uma das matrizes da grande Literatura, esta arte destinada a libertar o Homem do cárcere em que Deus o meteu. Proporemos ligações entre Homero, o pai da Literatura Ocidental, e Cervantes, o criador do anti-herói romanesco, o pícaro. Depois Melville, Voltaire, Roth, Eça, Gregório, Glauco Mattoso, os grandes clowns literários, até Shakespeare – cuja obra, a mais próxima de Deus a que a Literatura Universal chega, segundo Harold Bloom, é particularmente sarcástica e irônica.

8

#### RISOS COMO ÍNDICES DE BOM HUMOR (OU NÃO)

Roberto Perobelli  
(Ufes)

Henri Bergson (2001), ao afirmar “o riso parece precisar de eco” (p. 4), destaca não apenas uma característica do riso do ponto de vista filosófico, mas também do ponto de vista social. Alguns estudiosos da dramaturgia cômica costumam recorrer a esse autor especialmente para tentar compreender como a comicidade e o riso se constroem em peças de teatro. Para alguns estudiosos da Análise da Conversa, que se formula a partir das bases da sociologia etnometodológica, os risos são considerados um fenômeno multimodal por combinar elementos vocais, visuais e corporais (HAAKANA, 2012; GAGO, 2002) e cujo registro é um material parcialmente representativo do que se destaca sonoramente através de expirações audíveis, movimentações de cabeça e torso para frente ou para trás. Assim como representado no teatro, também na vida cotidiana, os risos ou expirações audíveis podem indexicalizar, na demonstração de pelo menos um dos participantes da cena interacional, várias ações que vão desde a demonstração de que se

está vivenciando uma experiência engraçada até um sinal de constrangimento e/ou desconforto. Nesta apresentação, nosso objetivo é apresentar a análise de algumas dessas instâncias em interações transcritas que compõem o *corpus* do Grupo Linguagem, Interação e Etnometodologia (GLIE), a fim de promover uma reflexão que possa redundar em contribuições efetivas para a realização de análises literárias sobre comicidade e humor em peças de teatro. Nesse sentido, a Análise da Conversa, que tanto contribuiu para a produção de estudos linguísticos, se aventura a contribuir também com os estudos literários.

## Mesa-redonda 2

### O RISO E O SISO NO JOGO RETÓRICO-POÉTICO DA SÁTIRA GALEGO-PORTUGUESA

Fernanda Scopel Falcão  
(Ufes)

Trata do humor galego-português, produzido por trovadores, segréis e jograis que atuaram nas cortes régias da Península Ibérica do século XIII. Observa o contexto sócio-histórico-literário de produção e recepção das cantigas satíricas e as relações que se mantinham com a história do riso literário antigo e com o riso medieval não trovadoresco. Objetiva refletir sobre as idiosincrasias do jogo retórico-poético (em) que a sátira trovadoresca peninsular (se) constituía. Para tanto, além das próprias cantigas galego-portuguesas, cujas letras nos chegaram via Cancioneiros, acionam-se textos normativos relacionados ao Trovadorismo, como *Las siete partidas* do rei Afonso X de Castela, e também estudos gerais sobre riso e sátira, retórica e poética, cultura medieval e trovadoresca, com destaque para os de George Minois, Rosario Cortés Tovar, Kenneth Scholberg, Mikhail Bakhtin, Aaron Gurevich, Jesús Montoya Martínez, Marta Madero e Paulo Roberto Sodré.

9

### JUVENAL E O HUMOR: HÁ GRAÇA NOS *HUMORES* DO SATIRISTA JUVENALIANO?

Rafael Cavalcanti do Carmo  
(Ifes - *Campus* Venda Nova do Imigrante)

O presente trabalho aborda a relação entre o humor e a produção poética de Juvenal, satirista latino cuja obra se situa em fins do século I e início do II a.C. Nessa abordagem, considerar-se-á, por um lado, a palavra “humor” em sua acepção de “temperamento, índole”, “disposição de ânimo” e, por outro, seu entendimento como tipo de discurso associado à manifestação do riso. A partir de trechos selecionados das *Sátiras*, serão demonstrados os diferentes humores

do satirista juvenaliano (seu temperamento indignado *versus* o que se poderia chamar um temperamento resignado), bem como artifícios utilizados pelo poeta para a criação de *efeitos de humor* – risíveis, portanto.

## O PESSIMISMO GALHOFEIRO DE MACHADO DE ASSIS: RINDO DA VOLUPTUOSIDADE DA DOR E DA VOLUPTUOSIDADE DO NADA

Vitor Cei  
(Ufes)

A palestra propõe um estudo comparativo de dois romances de Machado de Assis, *A mão e a luva* (1874) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), com base nos oximoros “voluptuosidade da dor”, “voluptuosidade do nada” e “pessimismo galhofeiro”. O objetivo é contrariar certo consenso da fortuna crítica em relação aos supostos pessimismo e niilismo do escritor, cuja obra aparentemente apresentaria uma visão negativa da existência humana. O recorte contempla o estudo dos intertextos que relacionam os romances machadianos com as obras dos filósofos pessimistas Blaise Pascal (*Pensamentos*) e Arthur Schopenhauer (*O mundo como vontade e como representação*), buscando mostrar como se dá a incorporação, pelo escritor brasileiro, dos conceitos emprestados desses autores. Em *A mão e a luva*, o romântico personagem Estêvão, numa simbiose entre o sério e o cômico, sente a “voluptuosidade da dor”, enquanto o narrador heterodiegético se apropria do pessimismo schopenhaueriano para fazer galhofa do suicídio romântico como tentativa de fugir da dor da vida. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a galhofa, princípio formal da narrativa, provoca uma resignificação da antropologia de Pascal e seus pensamentos sobre as misérias da vida humana, bem como da metafísica de Schopenhauer, com sua concepção da vida como uma luta perpétua destituída de qualquer objetivo. Concluímos que a ficção machadiana se distancia das concepções tradicionais de pessimismo e niilismo, na medida em que as aborda com a pena da galhofa.

10

# Simpósios Temáticos:

---

## Simpósio 1:

### BALBÚRDIA: HUMOR POLÍTICO E MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA

Coordenação:  
Vitor Cei (Ufes)  
Attila Piovesan (Ufes)

Um dos significados da palavra “balbúrdia” é “barulho de muitas vozes juntas”, o que remete ao sentido originário de “simpósio”, a segunda parte de um banquete ou festim em que os convivas bebem e conversam. O nosso simpósio tem como objetivo debater os aspectos éticos e estéticos do humor e da sátira políticos, em perspectiva diacrônica, do início da modernidade no século XVII ao século XXI, especialmente na literatura, mas também nas charges, no teatro, nas histórias em quadrinhos, na crônica jornalística e nas novas mídias, sob a orientação de estudos voltados para o humor literário e o grotesco. Argumentamos que os avanços da modernidade acentuaram contradições sociais e, nesse horizonte, merecem atenção e interpretação três tendências no humor político: 1ª) a tendência a insistir no aspecto negativo da modernização; 2ª) a expressão da contradição performativa entre os ideais éticos defendidos publicamente (baseados em valores cristãos, positivistas ou liberais, de acordo com a época) e as práticas (dissimuladas) de corrupção, libertinagem e violência; 3ª) as relações geopolíticas e suas disputas hegemônicas e contra-hegemônicas. Opondo-se ao espírito belicoso que tem marcado a maioria das discussões recentes a respeito da política no país, a coordenação deste simpósio entende que a atitude humorística, por envolver uma capacidade de criar e adotar novas e inesperadas perspectivas, pode ser pensada como princípio democrático de aperfeiçoamento. Trata-se, em suma, de discussão interdisciplinar vinculada a temas atuais de constante debate na esfera pública.

11

## Comunicações:

### A POLÍCIA VAI BATER ATÉ QUE TODOS FIQUEM FELIZES COM A COPA: REPRESSÃO POLÍTICA E DERROCADA DA DEMOCRACIA NAS TIRINHAS DE ANDRÉ DAHMER

Ana Luísa de Castro Soares  
Mestranda (Ufes)  
Rafaela Scardino Lima Pizzol  
(Ufes)

As Jornadas de Junho de 2013, manifestações que tiveram grande participação popular e se tornaram um marco político da história recente do país, foram inicialmente focadas em protestar contra o aumento do preço da passagem em São Paulo e em outras cidades brasileiras, mas acabaram por unir descontentamentos e reivindicações diversas do povo, inclusive a revolta com a realização no Brasil da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo FIFA, em 2014. Às Jornadas de Junho, seguiu-se uma crescente criminalização das manifestações e perseguição política no Brasil, que culminou com a prisão de 23 ativistas na véspera da final da Copa do Mundo. A situação iniciada há 6 anos parece ter sido um prenúncio da derrocada democrática de nosso país, que observa hoje repressão e extinção de direitos, característicos de um estado de exceção. Neste trabalho, analisarei como a repressão política e a derrocada da democracia das Jornadas de Junho para cá são retratadas nas tirinhas do cartunista André Dahmer, que, com sua crítica afiada e humor pungente, constituem-se em importante instrumento de denúncia política.

E PODE A ORDEM RESTAURADORA DESFUNDAR O  
DESVAIRISMO? – NOTAS SOBRE O *PREFÁCIO*  
*INTERESSANTÍSSIMO* DE MÁRIO DE ANDRADE

Anna Viana Salviato  
Doutoranda - Bolsista Capes (UFSC)

12

“Leitor: está fundado o Desvairismo”, decreta Mário de Andrade em seu *Prefácio Interessantíssimo*. Este é o texto de abertura do livro de poemas *Paulicéia desvairada*, de 1922, ano da Semana de Arte Moderna, que conta com o protagonismo de Mário. O *Prefácio* sintetiza a proposta poética andradiana: “Minhas reivindicações? Liberdade”. Como em um manifesto, Mário concebe a escola literária do direito à experimentação. Mas que graça há na transgressão da ordem? Propp (1992), teorizando sobre a comicidade, afirma que, nas revoluções sociais, aquilo que remete ao passado e não se adequa aos novos paradigmas pode se tornar cômico ou ridículo. O “passadismo” descrito por Mário seria o símbolo maior dessa herança risível. Skinner (2002), retomando a teoria de Hobbes, entende que o riso é uma reação humana a sentimentos de inadequação. Vale lembrar que a capa da primeira edição de *Paulicéia desvairada* é formada por losangos coloridos, traje arlequinesco. O teor de zombaria constante no *Prefácio* segue o padrão da *commedia dell’arte* do século XV: opondo-se à comédia erudita, este era um teatro popular cuja comicidade consistia em satirizar as altas esferas da sociedade. Nele, o arlequim ridicularizava as figuras da elite. Lembremos da afirmação de Mário de Andrade em seu *Prefácio*: “Não fujo do ridículo. Tenho companheiros ilustres”. O método arlequinesco está no escarnecimento da ordem,

expondo suas contradições e sua superficialidade, tal como sugere a operação profanatória teorizada por Agamben (2007). O exercício de profanação é dar um novo uso a um objeto sem anular sua existência. O *Prefácio Interessantíssimo* se encerra com a citação de Gorch Fock, para quem “toda canção de liberdade vem do cárcere”. Aqui se situa a antropofagia modernista, tão cara a Mário: trata-se de conservar a tradição sem tomá-la como verdade absoluta. No máximo, meia-verdade obsoleta, que serve de alimento, presa e piada.

#### UMA LISTA DE RISOS CONTRA A REPÚBLICA EM *O MELHOR DO HUMOR BRASILEIRO*, DE FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

Arnon Tragino  
Doutorando – Bolsista Capes (Ufes)

A antologia *O melhor do humor brasileiro*, de Flávio Moreira da Costa, traz em sua última seção, “Humores republicanos (com intervalos de ditadura)”, contos, crônicas e fragmentos de romances que ironizam aspectos da república brasileira do início do século XX em diante. A seleção debocha ficcionalmente do político eleito que não governa, da elite que mantém seus privilégios e também da sociedade que às vezes ri da situação em defesa própria. É o que acontece em “Eta, nós, da Terra de Santa Cruz Credo!”, de Antônio de Alcântara Machado, e “Roteiro”, de Carlos Heitor Cony, crônicas que descrevem o desinteresse dos que estão no poder pelo povo e que, por causa disso, elaboram discursos que fingem corresponder às necessidades da população: como o general do texto de Alcântara Machado que, não tendo nada para fazer, promulga uma lei para medir a dosagem de açúcar no café das pessoas; ou o narrador de Heitor Cony que é contra a todos que se polarizam politicamente, inclusive quem é contra ele mesmo. A partir do conjunto dos textos, a comunicação busca fazer, primeiro, uma breve aproximação teórica entre os estudos de antologia e de lista literária, na medida em que se observa uma lista de críticas humoradas sobre a república promovida pela organização da obra, lançando mão, para isso, do pensamento de Serrani (2008) e de Eco (2010). E, segundo, analisa as duas crônicas pelo viés da ironia política na literatura brasileira, na perspectiva de Bassetto (2008) e de Maciel (2018), como uma posição que compõe o personagem e o narrador dos autores em questão, e sendo um elemento que está na listagem notada.

13

#### BALBÚRDIA NO HOSPÍCIO: HUMOR E LOUCURA EM *MARAT/SADE*

Attila Piovesan  
Doutorando (Ufes)

*Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat representados pelo grupo teatral do hospício de Charenton sob a direção do senhor de Sade* foi escrita em 1963 por Peter Weiss e passou por diversas revisões até tomar uma forma mais definitiva em 1965, mas em pouco tempo o título oficial deu lugar à fórmula informal pela qual a obra é mais conhecida, divulgada e publicada: *Marat/Sade*. A partir das considerações do próprio autor, além de aportes teóricos de humor (Georges Minois) e teatro (Patrice Pavis) veremos que, de forma inquietante, na contraposição entre o niilismo individualista de Sade e o fervor revolucionário de Marat o humor surge em diversos momentos, principalmente pela interação dos internos do hospício de Charenton com os temas abordados na peça e a indistinção entre representação e realidade, fazendo da loucura veículo de manifestação dos aspectos melancólico, derrisório e grotesco do riso, salientando o absurdo e tragicômico das opções políticas originadas na modernidade.

#### O HUMOR DOS CONTOS *DIÁRIOS DE LONDRES* NO *PASQUIM* ENTRE 1979 E 1983

Claber Borges  
Márcia Barros Ferreira Rodrigues  
(UFF)

A proposta desse artigo é analisar os contos *Diários de Londres* que estão reunidos, numa coletânea de 1979 a 1983, no livro *Garotos da Fuzarca* de Ivan Lessa (1935-2012). Com o objetivo de estudar a construção da tessitura do discurso humorístico, que apresenta uma exacerbada exaltação à heteronormatividade do narrador em primeira pessoa. Consequentemente, as outras três personagens que aparecem nos textos; um negro, uma loira, ambos heterossexuais, e um indiano gay; são apresentados de forma depreciativa. Sendo constantemente desqualificados pelo narrador. Com o propósito de apresentar uma irreverência e contestação as normas e costumes que eram marcas do jornal *Pasquim*. Idealizado para ser um jornal do bairro de Ipanema, da cidade do Rio de Janeiro, que se tornou um símbolo de resistência na Ditadura Militar. Entretanto, o *Pasquim*, tinha um discurso conservador com os negros, mulheres e gays. Há nos diários paródias de eventos de relevância da época. O narrador repete a desvalorização desses acontecimentos ao mencioná-los no texto. A metodologia aplicada será a análise bibliográfica. O referencial teórico que embasará esse estudo será o livro *Racismo Recreativo* de Adilson Moreira. Além do capítulo *Artifícios da graça nacional: humoristas no Rio De Janeiro* do livro *Raízes do Riso* de Elias Thomé Saliba. E o texto *O riso dos outros: o humor tem limites?* de Antonio Ozaí da Silva.

14

## A SÁTIRA CONTRA AS MULHERES NA REVISTA *VIDA CAPICHABA*

Késia Gomes da Silva  
Mestranda (Ufes)  
Ester Abreu Vieira de Oliveira  
(Ufes)

O preconceito contra a mulher tem provocado risos satíricos pelos homens na contemporaneidade. No Espírito Santo, esse preconceito é bem acentuado e reforçado constantemente, sobretudo por meio das mídias que são a maior fonte de circulação de informação. Isso não foi diferente em publicações dos anos 1920 no Estado, especialmente, através da revista *Vida Capichaba* (1923-1958), principal veículo de notícias nessa época. Por meio dela, muitos escritores satirizavam as mulheres ditas “imorais” em textos jornalísticos e literários, como a coluna humorística “Pavilhão das Bonecas” assinada pelo pseudônimo “Olho de Vidro”. Com base nos estudos sobre humor de Vladimir Propp (1922), Georges Minois (2003), e Verena Alberti (2011), e, também, sobre a mulher brasileira nesse período, de Mary Del Priore (2002), e os comentários sobre a revista *Vida Capichaba*, de Renato Pacheco (1992) e Jadir Peçanha Rostoldo (2000), pretendemos apresentar as sátiras de “Olho de Vidro” feitas às pessoas que se distanciavam dos padrões morais específicos à época, e que, justamente por isso, foram alvos das críticas e preconceitos nessa coluna, porque subvertiam os papéis tradicionais de gênero.

15

### O RISO *ANTIMODERNO* EM MACHADO DE ASSIS

Felipe Bastos Mansur da Silva  
(UERJ)

O presente trabalho faz parte de pesquisa iniciada em 2019, intitulada “Literatura e Humor”, desenvolvida por mim no Instituto de Letras da Uerj. A pesquisa pressupõe o estudo de determinadas categorias que se inserem no conjunto denominado “humor”, assim como, naturalmente, a análise de obras literárias em que tais categorias se fazem presentes. A análise do texto de Machado de Assis, neste trabalho, inicia esta fase da pesquisa e retoma outras análises da ironia machadiana já desenvolvidas por mim desde o doutoramento. A partir do conceito de antimodernidade apresentado por Antoine Compagnon em *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes* (2005), procuramos identificar o riso machadiano, também nomeado *humour* ou simplesmente ironia, como um dos principais mecanismos de desenvolvimento de sua crítica da própria realidade – e, ainda, do próprio “realismo”. O riso a que nos referimos é sugerido em “A teoria do medalhão”,



publicado em 1881, como oposto a uma determinada “galhofa” à brasileira, um tipo de humor mais adequados às regras sociais da pequena burguesia local. Nossa proposta de trabalho parte, portanto, da premissa de que há um determinado tipo de riso presente na narrativa de Machado de Assis que está diretamente identificado com o estilo original do autor de *Memórias póstumas*, isto é, que se apresenta como discurso inovador e, portanto, *problematizador* da literatura feita no Brasil – conforme já identificava o próprio autor a respeito do tema no ensaio “Instinto de nacionalidade” (1873). O riso machadiano pode ser visto, portanto, como uma estratégia narrativa que alarga a análise crítica da realidade social, assim como oferece uma alternativa ao padrão narrativo da modernidade do século XIX.

## DUAS COMÉDIAS DE MACHADO DE ASSIS

Fernanda Maia Lyrio  
(Ufes)

Wolmyr Aimberê Alcantara Filho  
(Ufes)

A intenção deste trabalho é ler e analisar duas comédias de Machado de Assis: *Lição de botânica* e *Quase ministro*. O autor de *Dom Casmurro*, além de romancista, contista, cronista, crítico, poeta, foi também um teatrólogo empenhado e um estudioso do gênero dramático por toda a vida. Nesta análise, esperamos demonstrar que certos temas e estruturas recorrentes na prosa mais prestigiosa do escritor, como seu escárnio com alguns cientificismos e também com certos discursos políticos que se queriam modernos, também comparecem na sua obra teatral. Tal atitude crítica está em consonância com o que Silviano Santiago, em seu hoje clássico ensaio “Retórica da verossimilhança”, já sugeria como estratégia de leitura dos textos machadianos, nos idos dos anos 1970: “Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado como um todo coerentemente organizado, percebendo que certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente”.

16

## “ROBÔ DO PRESIDENTE PERFEITO”

Júlia Cristina Willemann Schutz  
Mestranda – Bolsista Capes (UFSC)

Maria Lucia de Barros Camargo  
Bolsista de Produtividade do CNPq (UFSC)

Os anos que precederam o golpe militar no Brasil e os vinte anos posteriores de regime ditatorial incitaram discursos acerca da busca

pela “ordem” e também de governabilidade e legitimidade. Neste cenário tenso, porém risível segundo Bernardo Kucinski, *Pif Paf* — antiga seção da revista *O Cruzeiro* e que passa a ser editada como revista independente por Millôr Fernandes com a participação de inúmeros nomes dos campos artístico, jornalístico e humorístico brasileiros — sai ao público em maio de 1964 e, mesmo sem pretender ser oposição direta ao regime, acaba por fazê-lo a seu modo — pelo riso. Acaba, sobretudo, evidenciando as dissonâncias e contradições de um país que, a um só tempo, urgia por democracia e fomentava repressões. Esta apresentação, que integra a pesquisa de mestrado cujo objeto de estudo é a revista *Pif Paf*, pretende discutir tais aspectos a partir da análise da ilustração “Robô do presidente perfeito”, publicado no segundo número do periódico. A ironia do robô vem da ideia de algo mecânico para governar humanos: é perfeito porque não é humano, porque é uma máquina, configurando uma rigidez e automatismo próprias do cômico na perspectiva de Henri Bergson, e por possuir características imprescindíveis tais como “Dois estômagos (um para engolir sapo)”, “Braço extra (com mão especial *pra* tapinha nas costas)”, “Um pé atrás” e “Costas largas”, jogando com os sentidos das expressões fixas da língua. Diz a revista que o robô seria “capaz de governar-nos a todos tranquila e infinitamente, sem desgastes nem atritos.” O humor contido na ilustração e nas “aptidões do robô” não apenas aludem à tal crise de representação e estabilidade política por meio de tal “enrijecimento contra a vida social”, mas também pelo caráter de generalidade, já que o robô teria sido criado após estudos dos “hábitos” e das “necessidades do país”.

17

## HUMOR E POLÍTICA EM “O MITO”, DE LAURO CÉSAR MUNIZ

Marcela Oliveira de Paula  
Doutoranda (Ufes)

“O mito”, de Lauro César Muniz, é o sétimo texto da *Feira brasileira de opinião*, de 1978, volume composto por dez peças de importantes dramaturgos do cenário nacional que foram impedidas de chegar ao palco pela censura militar. Na *Feira*, os temas são diversos, mas todos, de algum modo, tocam o cenário de repressão por que passou o Brasil a partir do Golpe de 1964. No caso de “O mito”, a construção dramática gira em torno do personagem Augusto Nobre, político vinculado ao regime militar que, ao ser nomeado como senador, entra num nível de excitação sexual que o levaria à morte – e, depois, à “ressurreição” como “político biônico”: literalmente excitado com a nomeação, o “mito” clama à secretária que lhe introduza entre as nádegas o tubo quente da televisão, ao que o corpo não resiste; já no fim da peça, enfermeiras entram em cena e fazem a cirurgia que o traz de volta, como um robô. A dramaturgia, embora bastante breve, se impregna de inúmeras notas

humorísticas, desde o absurdo da morte e ressurreição do personagem-título até as reações da esposa, que revelam as contradições do político então morto. Sendo assim, para o exame desses elementos, o trabalho se ocupará de comentar brevemente o conjunto de peças de que faz parte o texto em questão, contextualizando-o com auxílio de *O teatro sob pressão* e *O palco amordaçado*, de Yan Michalski (1979, 1985), e analisar os elementos humorísticos acionados para a construção da crítica realizada pela peça – com base em estudos de Vladímir Propp (1992) e Henri Bergson (1980) –, discutindo, ainda, o cenário político da época, com apoio sobretudo em *A ditadura derrotada*, de Elio Gaspari (2014).

## UBALDO, O PARANOICO: O HUMOR NO HORROR

Maria Isolina de Castro Soares  
Doutoranda – Bolsista Capes (Ufes)

Ubaldo, o paranoico, personagem de Henfil e Tárík de Souza, foi criado “num fim de semana macabro de 1975”, segundo informa Tárík na antologia histórica *A volta de Ubaldo, o paranoico*, publicada em 1994. As perseguições a estudantes, jornalistas, intelectuais e demais cidadãos opositores da ditadura militar eram ações institucionalizadas, assim como as torturas e mortes que aconteciam nos porões do regime. Ubaldo é fruto desse momento político em que, apesar de já anunciada a transição para um período democrático, o medo era uma constante no cotidiano das pessoas que temiam ser vítimas do despotismo. O discurso oficial mascarava as práticas violentas que continuavam a perseguir e eliminar os adversários. Documento tornado público em 2018 revela que, durante o governo Geisel (1974-1979), execuções de opositores do regime militar, procedimentos que eram considerados encerrados com o governo Médici (1969-1974), continuavam a acontecer e eram autorizadas pelo próprio general presidente. Pretende-se fazer, nesta comunicação, uma leitura desse personagem, paranoico em função da realidade histórica repressiva daqueles anos em que o país viveu sob o jugo ditatorial, recorrendo ao conceito de grotesco, de Vladímir Propp, e às considerações sobre riso e poder, de Baêta Neves.

18

## PILATOS, DE CARLOS HEITOR CONY: UMA SÁTIRA MELANCÓLICA DO BRASIL DOS ANOS 1970

Marina Silva Ruivo  
Pós-doutoranda (UFRJ)

Publicado num momento em que a ficção brasileira buscava denunciar os horrores da ditadura, *Pilatos*, de Carlos Heitor Cony,

pode parecer, à primeira vista, um romance afastado de seu espaço-tempo. Nele, um personagem sem nome narra suas andanças pela cidade do Rio de Janeiro depois de ter sofrido um acidente que lhe valeu a amputação de seu pênis. Separado de seu “pau”, como o narrador prefere chamá-lo – e que tem inclusive nome bíblico, Herodes –, leva-o para todos os lugares, guardado em um vidro de compota. Em seus deslocamentos, sem outro propósito que não o de continuar vivo e agarrado a Herodes, conhece Dos Passos, um escritor que se denomina fascista e que sofre de “furor fálico”. Juntos, os dois vão viver episódios esdrúxulos, tocando um violino cujas cordas foram feitas dos pelos pubianos do narrador, dentre mil outras peripécias, até serem presos, numa cela onde irão conhecer outros personagens estranhíssimos e que definirão os rumos de suas vidas. O romance nos faz rir diversas vezes, com seu humor escatológico, negro e trágico, e é a construção desse humor que pretendemos analisar neste trabalho, verificando como Cony construiu uma leitura acurada e afiada do Brasil do início dos anos 1970. Para pensar esse humor que parece com o que à época se chamava de “alienado” – ainda mais num livro com o título de *Pilatos*, e que se seguiu, na trajetória do autor, a um romance em que o personagem engajava-se na luta armada contra a ditadura –, contaremos com o apoio das discussões de Bakhtin, em *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*, e também com obras críticas sobre a produção cultural e literária no Brasil dos anos 1960 e 70, com autores como Flávio Aguiar, Flora Sussekind, Renato Franco e Roberto Schwartz.

19

### “Ó GIRA! Ó GIRA!”: A LOUCURA COMO HUMOR EM QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE ASSIS

Rogério de Nazareth Soares

A loucura pode ser considerada humor na medida em que ela possa oferecer uma reflexão acerca de alguma situação séria. Na introdução de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, Mikhail Bakhtin chama atenção para o fenômeno da loucura uma vez que ela “permite observar o mundo com olhar diferente”, sobretudo no que concerne a “uma alegre paródia do espírito oficial” (BAKHTIN, 1993). Assim podemos considerar os surtos de Pedro Rubião de Alvarenga, protagonista do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, uma sátira política do processo de decadência da monarquia brasileira pós crise parlamentar de julho de 1868. Diante disso, este trabalho busca analisar os trechos em que o ex-professor pensa ser Napoleão III no universo do humor da ironia machadiana.

## ENTRE O GOZO E O RISO: A RELAÇÃO DE CONFLUÊNCIA ENTRE O EROTISMO E O HUMOR NA POESIA DE IARA RENNÓ

Roney Jesus Ribeiro  
Doutorando (USC)  
Mestrando (Ufes)

O presente estudo traz como principal objetivo trabalhar o conceito de poesia eroticômica, tendo como base a obra poética intitulada *Língua brasa carne flor*, de autoria de Iara Rennó, com vistas à relação de confluência entre o humor e o erotismo. Além do disposto, enfatizamos a importância do discurso poético e a autoria feminina no contexto social falocêntrico e como essa voz se traduz como instrumento de transgressão, subversão e ato político. Levando em conta a importância deste estudo, nos baseamos nas contribuições teóricas e críticas de Bataille (2017) e Moraes (2015) acerca do erotismo. Quanto aos estudos atinentes ao riso e à comicidade, buscamos respaldo em Bergson (2007) e Propp (1992). Sobre o corpo como instrumento de transgressão e o prazer feminino nos pautamos nos estudos de Del Priori (2011). Por fim, apoiamos-nos em Woolf (1985) sobre a autoria feminina.

## O HUMOR POLÍTICO DE MACHADO DE ASSIS: ANARQUISMO E SOCIALISMO SOB A PENA DA GALHOFA

Vitor Cei  
(Ufes)

O Anarquismo chegou ao Brasil com os imigrantes europeus, especialmente os italianos, muito antes da política de imigração massiva e do processo de industrialização. Eles lançaram jornais e tentaram formar organizações que pudessem pôr seus princípios em prática. Durante o governo de Floriano Peixoto, decretos presidenciais expulsaram dezenove anarquistas estrangeiros, acusados de crimes políticos. As práxis revolucionárias, que chocaram as sociedades da época, fomentaram intensos debates na imprensa internacional, inclusive no Brasil. As crônicas machadianas dão a entender que no Brasil as ideias de Anarquismo e Socialismo estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu, constituindo ideias fora do lugar. Examinamos neste trabalho o modo como Machado de Assis satiriza os dois movimentos revolucionários do século XIX, o Anarquismo e o Socialismo, a partir de uma leitura de crônicas políticas publicadas nas séries *Balas de Estalo* (1883-1886) e *A Semana* (1892-1897), com ênfase em textos de 1884 e 1885. O objetivo é mostrar que na prosa de Machado de Assis o Anarquismo e o Socialismo – assim como quaisquer outros movimentos políticos ou filosóficos – aparecem como perspectivas a serem galhofadas.

## A SÁTIRA DA MANIPULAÇÃO DA VERDADE NAS TIRINHAS POLÍTICAS DE RICARDO COIMBRA

Yan Patrick Brandenburg Siqueira  
Doutorando (Ufes)

Na sociedade humorística, explica Gilles Lipovetsky em *A era do vazio*, ocorre a diluição das fronteiras entre o sério e o não-sério e um clima largamente humorístico se impõe nas diferentes esferas da vida social. Assim, enquanto o humor surge em redes sociais e se dissemina apenas como distração, as charges e as tirinhas de Ricardo Coimbra ganham notoriedade ao utilizar da sátira como mecanismo para revelar contradições e incongruências dos discursos políticos e ideológicos da atualidade. Para este trabalho, o corpus escolhido foram as tirinhas “Nota de esclarecimento”, publicada em oito de janeiro, e “Critério técnico”, de dezoito de março, ambas postadas, neste ano, no blog do autor ([www.vidaeobrademimmesmo.blogspot.com](http://www.vidaeobrademimmesmo.blogspot.com)). Será analisada a maneira como a noção de “verdade” é manipulada no discurso político do presidente Jair Messias Bolsonaro e, por meio da ironia, a fragilidade de suas promessas de campanha enquanto candidato ao cargo. Nesse sentido, o livro *A morte da verdade – notas sobre a mentira na era Trump*, de Michiko Kakutani, oferece pressupostos úteis quando analisa a forma como o governo norte-americano utiliza constantemente da ideia de que a verdade é apenas uma questão de perspectiva pautada em determinadas agendas políticas e como isso colabora para a descrença nas instituições e narrativas consagradas. No tocante ao estudo da sátira, György Lukács, em “A questão da sátira”, explica como esse fenômeno sempre combate uma situação social. Linda Hutcheon, em *Uma teoria da paródia*, complementa essa visão quando afirma que a sátira é “simultaneamente moral e social no seu alcance e aperfeiçoadora na sua intenção”. Dessa maneira, sua atuação consiste numa avaliação negativa e, muitas vezes, corretiva da realidade. Com base nessa argumentação teórica é que se revela o potencial das tirinhas de Coimbra ao evidenciar a maneira como o discurso político mascara a realidade e impõe sua ideologia.

21

## **Simpósio 2:**

### **O HUMOR NA CANÇÃO**

Coordenação:

Jorge Nascimento (PPGL-Ufes)

Mônica Vermes (PPGL-Ufes/CNPq)

A canção, e muito especialmente a canção popular, é um dos objetos culturais mais presentes e impactantes na vida brasileira. Escola afetiva, ferramenta de ação política, porta-voz de reivindicações, crônica e memória, é também lugar do humor. Esteja ele centrado na letra, na música, na performance ou em uma combinação dessas dimensões, o humor na canção se manifesta de variadas formas e produz diferentes efeitos: do humor político e irônico do “Acorda, amor” de Leonel Paiva e Julinho da Adelaide ao cancionário de Baiano e os Novos Caetanos, passando pela versão dos Mutantes para “Chão de estrelas” de Orestes Barbosa, os sambas-de-breque de Moreira da Silva, Noel Rosa, o humor ácido de Bezerra da Silva. Este simpósio convida trabalhos dedicados à análise do humor na canção, entendidos ambos num sentido amplo, conceitual e cronologicamente.

22

### **Comunicações:**

#### **IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS CONTEMPORÂNEAS: O HUMOR EM TRÊS CANÇÕES DO ÁLBUM *LITTLE DARK AGE*, DE MGMT**

Aline Suave Nunes

Mestranda (Ufes)

Mônica Vermes

Bolsista de Produtividade do CNPq (Ufes)

Este trabalho tem o objetivo de analisar o sujeito poético das canções do álbum *Little Dark Age*, de MGMT e discutir o comportamento do sujeito contemporâneo dentro de suas relações interpessoais e na formação de sua identidade tendo em vista a influência das redes sociais e da tecnologia. O humor presente nas canções “She works out too much”, “Me and Michael” e “TSLAMP” produz – através da ironia, do sarcasmo e do jogo de palavras – um efeito de redirecionamento de sentido. Esse sentido ora expressa uma crítica, ora uma piada com o próprio sujeito. Utilizando o arcabouço teórico da sociologia de Stuart Hall, da comunicação de Marshall McLuhan e os estudos de Theodor W. Adorno sobre estética literária e musical, o foco de estudo dentro do álbum *Little Dark Age* é a

narrativa do sujeito que, nas três canções, reconstrói sua identidade a fim de se encaixar em padrões e expectativas da sociedade contemporânea, apesar de não se sentir confortável nessa posição. No que tange às relações interpessoais e o uso da tecnologia, discutir-se-ão seus significados nas narrativas contemporâneas e o impacto provocado pelas constantes mudanças que levam à reorganização da sociedade.

#### IRONIA E RISO EM PARÓDIAS QUE CANTAM (E CONTAM O REAL): UMA LEITURA DIALÓGICA SOBRE AS VIDEOPRODUÇÕES DA FAMÍLIA PASSOS

Andressa Zoi Nathanailidis  
(UVV-ES)  
Evandro Santana  
(Sedu-ES)

A presente comunicação busca apresentar uma reflexão acerca das relações dialógicas instituídas por produções audiovisuais paródicas que se vinculam a partir da internet. Especificamente, intentamos expor uma leitura exploratória de natureza crítica acerca de três audiovisuais produções do grupo intitulado “Família Passos”, a saber: “Marchinha Reaçã: Pobre de Direita”, “Cadê o Queiroz” e “Vaza Jato: vazou”. Intentamos compreender de que forma se dão as relações intertextuais estabelecidas entre as mencionadas produções e o momento contemporâneo brasileiro, sobretudo o momento político, regido por Jair Bolsonaro e outros políticos que, majoritariamente, integram a ala da extrema direita no país. Para tornar viável a presente pesquisa, aplicada uma revisão bibliográfica que abarca conceitos específicos referentes às redes digitais, à produção intertextual e ao dialogismo. Entre os principais autores presentes na pesquisa estão: Mikhail Bakhtin (2003; 2006), José Luiz Fiorin (2006) e Luiz Antônio Marcuschi (2008).

23

#### HUMOR E INTERTEXTUALIDADE NA ÓPERA *O REINO DE DUAS CABEÇAS*, DE JACEGUAY LINS

Andressa Zoi Nathanailidis  
(UVV)  
Paula Maria Lima Galama  
(Fames)

A presente comunicação tem por escopo apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória acerca da ópera recreio *O Reino de Duas Cabeças*, de autoria do compositor pernambucano Jaceguay Lins (1947-2004). Composta no ano 2000, a referida obra se vale do humor associado a referências intertextuais para espelhar e ao mesmo tempo estabelecer críticas e questionamentos a “poderosos



atores” da sociedade local, sobremaneira àqueles ligados à realidade política vigente à época. A partir da análise do libreto em questão, intentamos imergir no processo criativo do compositor, abordando os recursos estilísticos aplicados na obra (como a paródia, a paráfrase, o uso de citações, da sátira, etc.) e demonstrando o caráter atual da mesma; caráter este que sinaliza, ao mesmo tempo, para uma reflexão engajada do compositor em relação aos rumos da sociedade capixaba e, também, para a imutabilidade da conjuntura política-social, tendo em vista o transcorrer do tempo e a historicidade que permeia o local de fala das pesquisadoras. A fim de viabilizar a proposta, será necessário realizar uma revisão bibliográfica, constante de referenciais teórico-específicos. Dentre os autores que sustentam esta pesquisa estão: Abatte e Parker (2015), Marcuschi (2012), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Bergson (1987), Hutcheon (1985) e Bakhtin (2003; 2006).

## O PRETO QUE SATISFAZ: HUMOR E CRÍTICA EM GONZAGUINHA

Daniella Bertocchi Moreira  
(Faculdade Pitágoras)  
Jorge Luiz do Nascimento  
(Ufes)

Gonzaguinha construiu ao longo de sua carreira uma vasta e relevante obra, tornando-se uma figura de destaque da MPB que se consolidava nas décadas de 1970-1980. Sua obra, objeto de vários estudos nos últimos anos, é marcada pela crítica ao sistema – tanto político quanto econômico – feita por meio do amplo uso da ironia e do humor. Suas composições, ainda que a uma primeira vista, pareçam inocentes, carregam fortemente a marca registrada do compositor. Uma dessas canções é “O preto que satisfaz”, lançada no LP *Gonzaguinha da vida* (1979) cujo tema, uma aparente ode ao feijão, nos mostra, em uma leitura mais atenta, elementos que demonstram o engajamento e a acidez do compositor. A melodia alegre em conjunto com uma interpretação empolgada aliadas a uma letra cheia de humor acabam por nos distrair do sentido crítico da canção. Partindo-se da noção de que o humor pode - e é - usado como recurso para uma reflexão mais incisiva da realidade, pretende-se analisar “O preto que satisfaz” tendo como objetivo avaliar sua utilização ao longo da letra da canção como instrumento de crítica, bem como verificar a relação e a utilização da canção pelo mercado – representante da crescente indústria cultural. Para tanto, a análise se apoiará em autores que se relacionam com o estudo da canção, do humor na literatura, bem como na noção de indústria cultural de Adorno e Horkheimer.

24

## O HUMOR NA CANÇÃO POPULAR PAULISTA NAS DÉCADAS DE 50 & 60

Gabriel Caio Correa Borges  
Doutorando – Bolsista do CNPq (UFRJ)

Temos como proposta uma análise da canção popular da cidade de São Paulo, onde esta surge tanto como lugar enunciativo quanto motivo lírico. Tomamos esse pressuposto para considerar que o cancionário paulistano surge como resquício de tradições populares locais fundamentadas na valorização da narrativa. Surgindo nos contextos do arcaico ou mesmo de transição da modernidade, essas tradições foram se enfraquecendo conforme a modernização da capital paulistana ia ganhando força. Porém, dos aspectos dessas tradições que persistiram como rastro, a narrativa subsistiram exatamente naquilo que se arregimentaram na cultura popular da cidade, procurando se justificar através da influência para com elementos da própria sensibilidade moderna. O humor foi uma das chaves na qual se procurou reconstituir nos fazeres populares uma narrativa adequada à vivência cotidiana em São Paulo. Em vista disso, encaixamos a canção paulistana em certa linhagem lírica que vai desenvolvendo o humor como forma de compreensão da cidade. Algo que remonta as bricolagens ordinárias das chamadas “modinhas paulistanas”, ganha um refinamento modernista nas letras de Antônio Alcântara Machado e Juó Bananere e retoma ao canto através da canção popular paulistana moderna. Observaremos como o humor vai se desenvolvendo no interior do cancionário através de sua apropriação por dois artistas de gerações diferentes que representaram a cidade: Adoniran Barbosa na década de 50 e Tom Zé na década de 60. Tratam-se de artistas cujas canções tentavam levar o humor a corresponder aos anseios de seus tempos ao mesmo tempo que procuravam se relacionar com um contexto maior do humor paulistano.

25

### A TROPICÁLIA ENTRE O RUMOR E O HUMOR

Héber Ferreira de Souza  
Doutorando (Ufes)

O movimento tropicalista tinha a pretensão de causar amplas rupturas na estrutura social vigente, e impulsionar, dessa forma, a modernização da cultura brasileira. Para tanto, valorizava a liberdade de pensamento e expressão, caminhando contra o vento de um contexto político-cultural enraizado no ideário nacional que insistia em estabelecer um jogo de maniqueísmo entre a autenticidade folclórica do Brasil e a invasão imperialista do *rock*, da cultura do consumo e da indústria cultural. Espelhado na estética modernista (antropofágica, irreverente e zombeteira) do poeta

Oswald de Andrade, o tropicalismo trata, de maneira risível, as disparidades sociais causadas pelo desenvolvimento do capitalismo, propondo uma reinterpretação de brasilidade, sob um prisma mais amplo e híbrido. A partir desses apontamentos, este trabalho pretende traçar algumas notas da poética tropicalista, mostrando como os autores souberam dar um tom maior de humor a suas obras, mesmo em tempos entristecidos pela ditadura militar. Nessa perspectiva, traz à baila, para análise, canções que compõem o disco lançado em 1968, *Tropicalia ou Panis et circencis*, como “Tropicália” e “Lindonéia”, de Caetano Veloso, na tentativa de mostrar que seu teor melancólico, de caráter corrosivo, vincula-se a imagens-alegorias carregadas de derrisão. Para isso, tomam-se como âncora teórica o pensamento de Celso Favaretto (2007), Guilherme Wisnik (2005) e outros estudiosos do movimento tropicalista, bem como a concepção de humor freudiana, vista, sobretudo, como uma forma de lidar com o mal-estar.

#### IRONIA COMO RESISTÊNCIA: PRA QUE DISCUTIR COM MADAME?

Jorge Nascimento  
(Ufes)

O trabalho visa a pontuar as estratégias poéticas que formulam a ironia contida na letra do samba “Pra que discutir com Madame”, composto por Haroldo Barbosa e Janet de Almeida, de 1956, depois imortalizado pela voz de João Gilberto. Sabendo-se da extensão do conceito de ironia para os estudos literários, pensa-se em discutir a verbalização irônica popular como forma de resistência às proposições de cunho racista e uma pretensa visão estética que pretendiam (e pretendem) purificar a brasilidade através do branqueamento, tido aqui como forma de apagamento de uma tradição cultural afro-brasileira.

26

#### HUMOR E SUICÍDIO FEMININO: À BEIRA DO OITAVO ANDAR COM CLARICE FALCÃO

Lúcio Vaz de Oliveira  
(Ufes)

A comunicação se propõe um exame acerca da música “Oitavo andar” de Clarice Falcão, particularmente no que concerne à sua atitude humorística sobre a possibilidade de suicídio. Esse exame transdisciplinar, mas precipuamente filosófico se inicia com uma retomada crítica de alguns pontos históricos culminantes acerca da filosofia e das teorias sobre o suicídio feminino ou, melhor, sobre certo tipo de suicídio feminino, aquele vinculado ao amor romântico. Tal retomada enfatiza que essa motivação suicida ganhou

diferentes valorações curiosamente positivas, sendo até mesmo obrigatória a passagem ao ato segundo algumas culturas, como a hindu tradicional. Procuo mostrar como, a partir do Renascimento, as visões filosóficas ou sociológicas gradativamente se distanciaram do enaltecimento ou indiferença a esse sintoma extremo de aprisionamento da mulher. Em continuidade ao processo de emancipação social, econômica e política da mulher, encontra-se a tentativa de revisão crítica sobre seus vínculos afetivos. Por fim, a comunicação vislumbra como conclusão que podemos identificar que a música ludicamente flerta com as valorações positivas sobre o suicídio feminino romântico, mas acaba por se distanciar delas. Notadamente nessa última viragem o humor da canção marca uma atitude de distanciamento crítico e de reconfiguração de ações, duas das principais virtudes cognitivas e éticas do humor.

#### TRISTEZA ALEGRE: UMA LEITURA DO "SAMBA DA BENÇÃO", DE VINÍCIUS DE MORAES E BADEN POWELL

Luiz Cláudio Sousa  
Mestrando (Unicamp)  
Rafael Fava Belúzio  
(UFMG)

A presente comunicação objetiva fazer uma leitura do "Samba da Benção", de Vinícius de Moraes & Baden Powell, focando na gravação do álbum "Vinicius", de 1967. Será enfatizada, dialeticamente, a relação entre letra e música, realizando um "close reading" de modo a demonstrar questões que perpassam tanto o aspecto sonoro (privilegiando a análise do "tresillo", da "síncope", e da presença de apenas dois acordes), quanto o aspecto logopaico (esmiuçando recursos como o humor e a métrica). Ademais, será pensada aqui a poética de Vinícius de Moraes, em sentido amplo. A tristeza alegre em um samba em forma de oração expressa, binomicamente, a articulação tensa, e por vezes sintética, de estruturas como sublime e cotidiano, cristianismo e materialismo, e aponta para uma tradição de cancionistas na qual se encontram, entre outros, Caetano Veloso e Paulo Leminski.

27

### Simpósio 3:

#### RETÓRICA E HUMOR NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Coordenação:

Fernanda Santos (Unifap)

Marco Aurélio Rodrigues (Unifap)

Os preceitos contidos em obras retóricas da Antiguidade, em autores como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, mostram a possibilidade de pensar o riso e as emoções em benefício da eloquência. A habilidade retórica, para estes autores, pode claramente determinar o sucesso ou o fracasso de um orador. O humor constituiu-se, assim, como um poderoso instrumento capaz de potencializar os efeitos de um bom discurso ou de desmoralizar, definitivamente, aquele que não sabe usá-lo. Assim, autores gregos como Aristófanes e Menandro e, entre os romanos, nomes como o de Plauto e o de Terêncio figuram entre os autores que usavam o humor para a construção de um discurso altiloquente. Para Quintiliano, o emprego do risível deve obedecer a um critério demarcado, em *De risu* (capítulo III), do sexto livro da *Instituição oratória*, assim, o tratado do uso conveniente do humor é construído em diálogo com a tradição retórica e poética, citando Cícero, Catulo e Horácio. Quintiliano delimita estratégias de produção de humor, de modo a organizar as regras vigentes na época. O objetivo deste simpósio é proporcionar discussões sobre a relação entre Retórica e Humor, na Antiguidade Clássica, e a emergência de preceitos retóricos que regulem a produção humorística.

28

#### Comunicações:

##### HOMENS VIRTUOSOS CONSEGUEM SER ENGRAÇADOS? O HUMOR DE MARCO TÚLIO CÍCERO EM SUAS INVECTIVAS

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira

Leni Ribeiro Leite

(Ufes)

Objetivamos apresentar a maneira como as piadas de Marco Túlio Cícero se adequam a um tipo de humor idealizado pelas elites romanas do século I AEC. No tratado *Bruto*, ele trouxe Antônio como modelo de orador por conta de sua capacidade de manter seriedade e, ao mesmo tempo, utilizar de um humor não bufonesco, próprio da *urbanitas* (*Br.* 139), revelando uma visão moralista dos gracejos. Cícero também afirmou, por meio de uma epístola a Caio Sétio (*Fam.* 7.2.9), que caçar de um indivíduo com deformidades

físicas não é correto, mas é o feito de um bufão e complementa em outra obra (*Or.* 2. 217) ao afirmar ser estupidez esse tipo de humor. Ele também diz que é insignificante provocar o riso, apesar de ser algo presente no bom orador pela naturalidade com que o faz (*Or.* 2.218). Já Quintiliano (*Inst.* 6.3.3) apreciava o humor de Cícero e o representava como o orador mais engraçado no momento das invectivas. Por conta desse fato, buscamos analisar o modo pelo qual Cícero provoca o riso ao longo de algumas passagens de suas invectivas mais preclaras, tais como as Catilinárias, a oração contra Verres e as agudezas ditas em sua oração em defesa de Milão, além de compará-las com a noção de humor trazida por ele em seus tratados retóricos.

### DE RISU, DE QUINTILIANO: O RISO NA ORATÓRIA

Fernanda Santos  
(Unifap)

Este trabalho procura abordar o riso no terceiro capítulo do livro VI da *Instituição Oratória*, de Marco Fábio Quintiliano, denominado *De risu*, que trata de aspectos da utilização do riso no discurso oratório. Citando a obra de Marco Túlio Cícero, *De oratore*, no livro II (§§ 216 e 291) *De ridiculis*, Quintiliano procura explicar o empreendimento da arte do riso na Oratória. Ainda que não havendo um conjunto de regras pré-estabelecido, o riso funciona, segundo os autores, nos embates, nos momentos em que o orador necessita de mais agudeza e engenho na sua argumentação. Autores como Ivan Júnior (2008, p. 17) afirmam não haver uma categorização cabal e definitiva do riso, nas obras de Cícero e de Quintiliano, dado que a matéria é flexível e aprendida pela prática e pelos exemplos, mas ambos os autores colocam o riso como ponto de apoio fundamental na oratória discursiva. Este trabalho procura mostrar como Quintiliano responde a questões fundamentais sobre o riso a partir da obra de Cícero: o que é o riso, onde se encontra, é próprio ao orador utilizá-lo, até que ponto o orador pode utilizar o riso e quais os gêneros oratórios de ridículo.

29

### UMA SALVADOR ANGOLANA: REFLEXOS DA MORDACIDADE DE JUVENAL NAS MÁSCARAS SATÍRICAS DE GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA

Giovani Roberto Gomes da Silva  
Doutorando (UERJ)

Ainda que não exista uma “Pedra de Roseta” que indique caminhos para uma consistente interpretação da sátira seiscentista, faremos um breve retorno até as origens da máscara que ri e da máscara satírica para compreender a construção dessa máscara-personagem, que

durante o século XVII riu-se das gentes e até mesmo das terras, estando elas próximas ou distantes. Quintiliano, em sua *Instituição Oratória*, X, I, 93 faz uma afirmação bastante conhecida, de que a Sátira é um gênero totalmente latino, mas Horácio menciona em suas Sátiras I e II a influência da comédia grega. Naturalmente, a máscara do riso foi aproveitada pelos romanos na criação de sua *satura* (termo que remete à saturação, talvez pela intensa mistura de temas e formas literárias promovida pelo gênero), recurso tão prático quanto aquele povo, assim como o riso quando instrumento a serviço da causa moral (*castigat ridendo mores*). Visitamos, então, o mordaz Juvenal, porque muitas entre suas sátiras expõem os vitupérios das cidades, um dos modelos nos quais o ponto de vista da persona satírica seiscentista se espelha para estruturar suas oposições. Dessa forma a sátira atribuída a Gregório de Matos e Guerra busca também o lugar ideal, a partir do qual é produzida a indignação. O paradigma a partir do qual se construirão as oposições na sátira colonial é a metrópole, representação do ideário português, branco, católico, discreto, fidalgo etc. Para descompor a cidade de Salvador, considerada vil, a persona satírica precisa de Portugal como imagem basilar que sirva de modelo diante das máscaras que irá imitar: alma do corpo místico político colonial, o lugar onde está o Rei. E Angola é, em contraposição, a terra dos bárbaros e do castigo: objeto de vituperação.

## O VITUPÉRIO INVECTIVO NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

30

Leni Ribeiro Leite  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D/CNPq (Ufes)

Os epigramas de Marcial, autor romano do século I, são conhecidos pela mordacidade, pelo humor e pelo fecho de ouro. Esses elementos de sua obra, que passaram a definidores do gênero na modernidade, se presentes na epigramática grega e romana sua predecessora, são de fato proeminentes em Marcial. No entanto, o riso, o vitupério e a invectiva não são arroubos do gênio do poeta, mas elementos previstos no terceiro gênero retórico, o epidítico, e regulados pelo campo literário ao qual a obra se filia. Assim, neste trabalho, observaremos as prescrições retóricas para o vitupério e para o riso na retórica romana, em especial nas obras de Cícero (*De or.* 2. 216-291) e Quintiliano (*Inst.* 6.3), e analisaremos como elas se realizam na obra de Marcial.

## O USO DOS COMEDIÓGRAFOS ANTIGOS NAS SILVAS DE ESTÁCIO E POLIZIANO

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho  
Doutoranda (Ufes)

O objetivo desta comunicação é analisar como Estácio (séc. I) e Poliziano (séc. XV) utilizavam os autores de comédia em suas silvas a fim de colocá-los como paradigma na formação literária de seus respectivos destinatários. A *Silva* 5.3 de Estácio é um epicédio ao seu pai, que era professor em Nápoles. Porém, de modo abrangente, esse poema pode ser lido como instaurador de um paradigma literário, pois há nele uma lista de autores que o seu pai julgava importantes na sua formação. Levando em conta esse aspecto educacional, podemos observar uma recepção do autor antigo na silva *Nutricia* de Poliziano, afinal, nela, que é uma introdução às aulas do também professor em Florença, há o destaque de uns autores em detrimento de outros, pois o professor-poeta buscava mostrar aos seus alunos os mais eloquentes autores de cada gênero. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos o conceito de intertextualidade definido por Barchiesi (2001) e Fowler (1997) a fim de averiguarmos se há (ou não) a permanência desses autores de comédia e os efeitos dessa presença ou ausência na construção do gênero silva nos respectivos períodos supracitados.

#### PERFORMANCE, RECEPÇÃO, RISO, RETÓRICA E TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE *RÃS* DE ARISTÓFANES PARA OS PALCOS BRASILEIROS

Marco Aurélio Rodrigues  
(Unifap)

31

Desde a antiguidade, é reconhecida a importância que a comédia de Aristófanes teve como fonte de intensos debates na pólis. Embora a peça *Rãs* (405 a.C.) retrate os momentos derradeiros da tragédia clássica com a morte do último dos três grandes tragediógrafos, Eurípidés, sua temática não impede a discussão de outras questões vigentes no momento e, para além disso, suscita ainda hoje a curiosidade do grande público. Sendo assim, a presente proposta de comunicação procura, através das traduções em língua portuguesa da comédia aristofânica *Rãs*, discutir de que modo uma versão mais próxima da variedade brasileira do vernáculo, respeitando seus elementos de comicidade e expressividade, contribuem para a performance e a recepção do teatro antigo dialogando diretamente com a realidade nacional. Para tanto, o estudo apoia-se nos trabalhos realizados por Hughes (2012), no que diz respeito às performances e recepção da comédia clássica, Konstan (1995), Willi (2002) e Sommerstein (2009) sobre os recursos retóricos e cômicos e, por fim, procurará explorar, a partir do texto de Dover (1972) sobre algumas questões do teatro de Aristófanes, os elementos da composição que merecem particular atenção num projeto tradutório. A esse respeito, Goldhill (2007) traz importantes contribuições à tragédia ática que possibilitam o diálogo também



com a comédia clássica e auxiliam na compreensão de uma possível versão preocupada com o humor e a eloquência.

## O RISO NA SÁTIRA ROMANA

Marihá Barbosa e Castro  
Doutoranda (Ufes/Capes)

A sátira romana se aproxima de formas genéricas gregas como a comédia e o iambo, sendo possível, portanto, aproximá-la das definições aristotélicas sobre os gêneros baixos e elevados encontradas na *Poética*. Aristóteles chama de baixos os gêneros que imitam os homens inferiores e representam vícios e defeitos, provocando o riso, tal como a comédia. A comédia, contudo, não leva em consideração todo o tipo de vício ou defeito: nela, o aspecto cômico e vergonhoso é valorizado e, portanto, o riso por ela provocado não causaria dor nem dano. Embora a representação seja feita de modo diverso, tanto a sátira como a comédia imitam ações ignóbeis e imorais, ou seja: inferiores. João Adolfo Hansen, guiando-se através da teoria aristotélica sobre o cômico – dividindo-o entre riso e horror –, destaca que pode haver misturas ridículas ou satíricas: o ridículo seria o resultado de uma deformidade sem dor, portanto inofensiva. Entretanto, também se ri de muitas coisas vergonhosas, dolorosas, horríveis e nocivas. É possível, portanto, discutir o gênero sátira a partir de um de seus mais destacados componentes: o riso. Dispensando definições rígidas, optamos por compreender a sátira como um gênero em movimento: ela não se encontra em um ponto fixo, mas oscila entre certos limites que podem ser observados. Através da análise do humor entre os satiristas romanos, concluímos que também o riso é um componente em movimento, obedecendo à ideia de variedade que está expressa na própria etimologia do termo *satura*. Cada autor e poema possui um tempero particular que, no fundo, sempre terá o gosto de sátira.

32

#### **Simpósio 4:**

#### **TEORIAS SOBRE O HUMOR**

Coordenação:

Antônio Carlos Félix das Neves

Douglas Fiório Salomão (Ufes)

O simpósio Teorias sobre o Humor pretende reunir comunicações que versem sobre o humor e suas possíveis conexões com a psicanálise, a literatura, a filosofia, a antropologia, as artes e demais áreas de conhecimento que abrigam essa noção e dela se valem para ampliar seu campo teórico.

#### **Comunicações:**

#### **O USO DE CRÔNICAS HUMORÍSTICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ESTRATÉGIA DE INCENTIVO À LEITURA**

Alice Lorenção  
(Ifes)

Izadora Pedruzzi  
(Ifes)

Karine Silveira  
Bolsista Fapes (Ifes)

33

O propósito desta comunicação é refletir sobre a construção de sentido humorístico nas crônicas da escritora brasileira Thalita Rebouças a fim de propor estratégias de incentivo à leitura desse gênero para alunos do último ano do Ensino Fundamental. Acreditamos e defendemos que textos de humor proporcionam aos alunos uma leitura bastante prazerosa por abordarem temas cotidianos que muitas vezes se relacionam com a realidade do aluno (SILVEIRA, 2019). Isso posto, buscamos verificar quais técnicas de construção do efeito humorístico são mais frequentes no corpus sob análise, para, a partir disso e relacionando aos descritores da Matriz de Língua Portuguesa do PAEBES, podermos propor estratégias de leitura e compreensão textual. Além disso, propomos também sugestões de como inserir as crônicas humorísticas nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de se trabalhar o gênero de forma mais efetiva e não só para análise gramatical como muitas vezes é proposto pelos livros didáticos. Para tanto, fundamentamo-nos no quadro teórico da Linguística Textual e da Teoria Semântica do Humor, a fim de melhor compreender o conceito de gênero e de produção do efeito humorístico. Por fim, é relevante destacar que utilizar o humor como ferramenta didática proporciona aos alunos, e também aos

professores, uma melhoria na habilidade de leitura, uma vez que possibilita a criação de um ambiente de aprendizagem lúdico, que facilita o processo de ensino e aprendizagem, tornando, dessa forma, mais significativas as aulas de Língua Portuguesa.

#### O HUMOR EM *FARSA DE INÊS PEREIRA*, DE GIL VICENTE

Ana Cristina Alvarenga de Souza  
Pâmella Possatti Negreli

Analisa o humor na obra teatral *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, a partir do relacionamento entre a protagonista Inês Pereira – jovem burguesa, de bela aparência e em idade de se casar – e Pero Marques, um de seus pretendentes. Constituindo uma sátira social, a peça perpassa diversos momentos da vida da personagem, sempre articulados à sua situação com o matrimônio, apresentado como instrumento de crítica aos costumes da sociedade medieval (em um período de transição para a sociedade moderna) e de apelo ao riso. Nesse sentido, a conjuntura das relações interpessoais representadas adquire contornos expressivos no tocante aos princípios da sociedade da época e aos comportamentos humanos repreensíveis, que somados às intrínsecas ironia e comicidade da farsa, possibilitam seu estudo pela perspectiva do humor. Para tanto, são considerados, sobretudo, os estudos sobre os recursos humorísticos de Vladímir Propp e a investigação do humor embasado no conceito de carnavalização proposto por Mikhail Bakhtin, além das pesquisas de Maria do Amparo Tavares Maleval e Paul Teyssier sobre literatura portuguesa e sátira no teatro vicentino, respectivamente.

34

#### DO HUMOR À DOR: O RISO EM CRUZ E SOUZA

Elaine Cristina Borges de Souza  
Doutoranda (Ufes)

O riso tem sido grande companheiro da literatura. Na ironia, no escárnio, no humor, na paródia, a literatura, muitas vezes, se propõe provocar o riso no leitor. Mas, desde a antiguidade clássica, o riso por vezes se conflui com a tragédia. O riso carrega em si a ambiguidade na sua expressão. E não só a literatura foi capaz de ter atenção ao aspecto dual do riso. A filosofia, a biologia e a psicanálise empenharam-se para compreender tal manifestação. Na literatura, no entanto, o riso aparece tanto como objeto quanto como objetivo. A busca pelo humor por meio da comédia, da sátira e da ironia é, provavelmente, o meio mais recorrente a partir da qual a literatura toma forma para arrancar o riso do leitor. Mas seria simplório encerrar essas formas à mera busca pelo riso, tanto quanto seria ingênuo acreditar que o riso se dá somente pela forma. Se enquanto objetivo o riso mostra tamanha complexidade, como

objeto não se mostra mais simples. A proposta deste trabalho é compreender como o riso perpassa os estudos de Henri Bergson, Charles Darwin e Sigmund Freud, intercalando, assim, a filosofia, a biologia e a psicanálise e propor uma investigação de como essas diferentes áreas do conhecimento podem contribuir para a análise de obras literárias. Tomamos como exemplo os sonetos de Cruz e Souza em que o riso aparece em uma relação que tensiona expressões que vão do humor à dor.

#### ANEDOTAS E HUMOR NA MICROLOGIA E NA *TUTAMEIA* DAS “TERCEIRAS ESTÓRIAS”

Paulo Muniz da Silva

No primeiro prefácio intitulado “Aletria e hermenêutica” (ROSA, 1985, p. 7-17), o texto anedótico de *Tutameia*:... anuncia reciclagens e atualizações semânticas na linguagem, a fim de reconstituir os finais inesperados e deflagrar o drolático (que provoca o riso) no decorrer de suas “terceiras estórias”. Aqui, o termo micrologia – discurso frouxo, sem vigor nem colorido – busca equivalência semântica com o termo *Tutameia* – tuta-e-meia, ninharia, quase nada – (criado por Guimarães Rosa) no que tange ao discurso humorístico, não para descrevermos os textos do escritor mineiro, mas apenas para embarcarmos na ideia duma antífrase carinhosa. Admitindo o humor como uma predisposição mental para se perceber o risível no momento de sua ocorrência na linguagem e desvelando um aspecto latente da realidade que a visão habitual não apreende, pontuaremos quatro textos rosianos: “Aletria e hermenêutica”, “Antiperipleia”, “Como ataca a sucuri” e “– Uai, eu?”. Lendo-os nas claves do humor e do riso, mantemos contatos com excertos de Benedito Nunes (1976), Henri Bergson (1987) e Vladimir Propp (1992). Com esse procedimento, mais do que respondermos acerca de como, quando, onde, quem, sobre quem ou sobre o que se capta o humor em *Tutameia*:..., esperamos refletir e discutir a respeito do anedótico e do risível, aproximando a literatura da filosofia.

35

#### RACISMO RECREATIVO EM *O TICO-TICO: JORNAL DAS CRIANÇAS* (1905-1961)

Renata Gonçalves Gomes  
(UFPB)

O humor racista não tem apenas o objetivo de perpetuar estereótipos de raça, mas também de afirmar que os únicos sujeitos merecedores de respeito são pessoas brancas (MOREIRA, 2019, p. 84). É com base na teoria sobre humor, de Adilson Moreira, desenvolvida em *Racismo Recreativo* (2019), que esse trabalho tem como objetivo analisar o humor racista, entendido aqui enquanto

racismo recreativo, no periódico infantil *O Tico-Tico: Jornal das Crianças*, que circulou no Brasil entre 1905 e 1961. O periódico infantil do Rio de Janeiro apresenta sua primeira personagem negra em quadrinhos, Giby, em 1907, no número 106, apenas 19 anos após a abolição da escravatura (1888). A partir desse contexto e entendendo que o público leitor da revista era formado por crianças de classe média, é possível identificar que o periódico reforça estereótipos racistas por meio das personagens negras das histórias em quadrinhos ali apresentadas. A análise desenvolvida aqui tem como objeto de estudo as seguintes personagens negras do periódico: Giby e Clemente, de autoria de J. Carlos; Azeitona, de Luiz Sá; e Benjamin e Lamparina, de José Louzeiro. Por serem personagens gráficas, a análise será embasada não apenas no conteúdo escrito das histórias, mas também na representação gráfica das personagens, muitas vezes desenhadas a partir do estereótipo caricato *picaninny*. Por fim, busca-se comprovar que o racismo recreativo veiculado pelo periódico infantil *O Tico-Tico: Jornal das Crianças*, por meio de suas personagens negras em quadrinhos, corroborou durante grande parte do século XX para perpetuar uma estrutura social baseada em privilégios raciais no Brasil pós-escravocrata.

#### HUMOR SATÍRICO, LITERATURA E CINEMA: INFLEXÃO TEÓRICO-CRÍTICA A PARTIR DE THEODOR ADORNO E ALEXANDER KLUGE

36

Robson Loureiro  
(Ufes)

Theodor Adorno é considerado um dos principais expoentes da Teoria Crítica iniciada no Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt. Parte da crítica o considera um intelectual elitista, que nada teria entendido e contrário aos produtos da indústria cultural, em especial o cinema. Afinal, no âmbito da crítica cultural, ele teria sido mesmo um elitista? Será, realmente, que Adorno desconhecia e desmerecia todo e qualquer produto da indústria cultural? A hipótese desse trabalho apresenta fortes indícios que contaminam e desqualificam a apresada crítica detratora. A rigor, a reflexão adorniana sobre a estética do filme valoriza o recurso a uma forma de experiência subjetiva capaz de produzir o que ele tem de artístico: a *parada* do movimento cujas imagens do monólogo interior devem a sua semelhança à escrita – análogo a algo que se move sob o olho e, ao mesmo tempo, a algo paralisado em seus signos individuais. De fato, em seus escritos há generosas alusões a atores e cineastas, principalmente Charles Chaplin e os Irmãos Marx, assim como o reconhecimento do trabalho de Alexander Kluge, laureado escritor e líder do Novo Cinema alemão. Tais evidências desmentem a crítica afoita. Se Adorno fora tão sisudo e elitista, por que razão teceu

considerações elogiosas ao trabalho de Chaplin e dos Irmãos Marx, humoristas vinculados ao *mainstream* da indústria cultural? Apesar de ter feito o mesmo com o cinema de Kluge, Adorno não viveu o suficiente para ver o desenrolar da obra cinematográfica e literária klugeana, emblemática de um sofisticado humor satírico. Nesse artigo, fundamentado em uma hermenêutica teórico-crítica, o objeto de análise são fragmentos literários e fílmicos da obra de Kluge, bem como o diálogo pontual e imanente que Adorno estabelece com esse autor e a comédia típica do “cinema” de Chaplin e dos Irmãos Marx.

### “HUMOR NO HOLOCAUSTO”: O RISO COMO MECANISMO DE AUTOPRESERVAÇÃO DURANTE O REGIME CONCENTRACIONÁRIO

Sileyr dos Santos Ribeiro.  
Doutoranda – Bolsista Fapes (Ufes)

Durante a “Era das Catástrofes”, configurou-se o que Georges Minois em *História do riso e do escárnio* (2003) percebeu como uma “*overdose* de riso”, que fez maravilhas e salvou muitos do desespero, permitindo à humanidade a sobrevivência após as mazelas de um século de horrores. Ainda que o riso do século XX medre como abundante reação diante do próprio absurdo da existência, relacionar temas como o Holocausto e o humor constitui-se um desafio. Seria concebível o humor, um dos aspectos “mais solares da cultura judaica”, afluindo em momentos como a Segunda Guerra Mundial, em locais como os guetos de Varsóvia e de Lodz? Décadas após os horrores do século passado, permanecia um tabu imaginar o riso em meio ao inferno concentracionário. Todavia, como afirma Abrão Slavutsk, em *Humor é coisa séria* (2014), os judeus levaram consigo aos campos de concentração seu *modus vivendi*, sua cultura, sua fé, seu pensamento e, também, “seu tradicional humor”. Neste trabalho, analisamos o humor judaico com base na obra *Do éden ao divã: humor judaico* (2017), organizada por Moacyr Scliar, Patrícia Finzi e por Eliahu Toker, e, em um segundo momento, dialogamos com o capítulo “O humor no holocausto”, presente no referido livro de Abrão Slavutsk e com os estudos desenvolvidos por Chaya Ostrower em sua tese de Doutorado em Tel Aviv (Israel), intitulada *Humor as a defense mechanism in the Holocaust*. Apresentada no livro de Slavutsk, a pesquisa de Ostrower contou com entrevistas a 55 sobreviventes judeus dos guetos e/ou dos campos de concentração/extermínio, sendo 24 homens e 31 mulheres, e teve como tema o *humor* – enquanto algo que lhes tenha feito rir/sorrir durante a prisão. Os resultados obtidos apontam para o humor não como fuga, mas como maneira combativa de encarar a realidade, de não se assujeitar à desumanização e de autopreservação.

37

## **Simpósio 5:**

### **HUMOR, POESIA E FORMAÇÃO CRÍTICA**

Coordenação:

Maria Amélia Dalvi (Ufes)

Wilberth Salgueiro (Ufes)

Este Simpósio reúne trabalhos que abordam o humor – em suas variadas manifestações – em poemas (tanto destinados ao leitor adulto, quanto ao leitor criança), indagando seu potencial na compreensão da realidade (tanto singular, quanto coletiva) e na formação crítica. Para tanto, privilegiam-se contribuições teóricas e historiográficas hauridas ao materialismo histórico ou que com ele dialogam. A proposta é que a comunicação apresente e analise pelo menos um poema, indicando de que modo o efeito humorístico é produzido no processo de leitura e como tal efeito se articula ao todo do poema ou da obra.

#### **Comunicações:**

##### **O HUMOR NA COLÔMBIA "TUERTA": A POESIA IRREVERENTE DE LUIS CARLOS LÓPEZ**

38

Carolina F. Gartner Restrepo  
Doutoranda (Ufes)  
Ricardo J. Barreto Montero  
Mestrando (Ufes)

A literatura popular encontra no humor as bases da crítica satírica e burlesca, ao mesmo tempo em que enriquece a voz do povo. É nesse contexto, surgindo do popular e confrontando as ideias e as formas já esgotadas do modernismo latino-americano, que se apresenta Luis Carlos “El tuerto” López, poeta colombiano da primeira metade do século XX. Sua obra se destaca até hoje nos temas do cotidiano que, através de um olhar cético, decorrem entre paisagens, anedotas e os mais inesperados tópicos para atualizar a realidade vigente. Reconhecido em outros países por ter inspirado o Monumento dos Sapatos Velhos em Cartagena, mais do que pelas suas contribuições à poesia humorística, oferecemos hoje uma aproximação a sua obra, que se constitui como referente fundamental do humor literário na Colômbia. Propomos uma análise literária do humor presente nos poemas do autor, a partir da teoria bergsoniana do riso como “gesto social”, trazendo principalmente os aportes da cultura popular como fonte do cômico e da sátira social. Além de afirmar o lugar determinante do humor na obra de López, defendemos que os

poemas são mobilizados na postura humorística como crítica irreverente e também como mecanismo de revigoração do popular na cultura literária caribenha.

## HUMOR E POESIA: REFLEXÕES A PARTIR DO MANUAL DO PROFESSOR

Daiane Francis Ferreira  
Doutoranda (Université de Rennes 2)  
Mariana Passos Ramalhete  
Doutoranda (Ufes)

Reflete sobre as proposições de atividades com o gênero poético presentes em um livro didático de Língua Portuguesa destinado aos professores do quarto ano da Educação Básica (livro do professor). Pela análise literária, indaga a (in)existência de humor nas poesias identificadas e visa a compreender se tais proposições levam em consideração as características e particularidades desse gênero literário e se contribuem para o processo de desenvolvimento crítico dos sujeitos. Para isso, o presente trabalho dispõe das contribuições de Saviani (2000, 2009, 2011) e Snyders (1988), no que se refere à educação e à formação do homem, e do aporte teórico atinente à experiência literária de Candido (1995) e Zilberman (2013, 2014). Dessa forma, pretende-se contribuir para os estudos que discutem o ensino de leitura literária nos anos iniciais levando-se em consideração o trabalho com o livro didático. Afinal, tendo em vista que o humor é uma das objetivações estéticas construídas social e culturalmente, é também papel da escola mediá-lo pela arte.

39

## O POEMA “OBRAR”, DE MANOEL DE BARROS, LIDO À LUZ DO HUMOR EM FREUD E DA CRÍTICA À SOCIEDADE DO CONSUMO E DA ACELERAÇÃO

Fabiana Monnerat de Melo  
Mestranda (Ufes)  
Maria Amélia Dalvi  
(Ufes)

Este trabalho tem como objetivo apresentar o poema “Obrar”, do livro *Memórias inventadas – a infância*, de Manoel de Barros. O poema em questão será analisado a partir do elemento humor, conforme elaborado na teoria psicanalítica de Sigmund Freud, enquanto força de grandeza e resistência, já que evidenciaria o poder de não se render às provocações impostas pela realidade, e assim reelaborá-la de modo potente. As provocações impostas pela realidade serão explicitadas, aqui, sob a ótica da sociedade do consumo e da aceleração, na teoria do sociólogo e filósofo Zigmunt Bauman, convocando-se para o diálogo também a psicanalista Maria



Rita Kehl. A explanação do ato “obrar” no poema de Manoel de Barros será contraponto artístico-literário ao que a sociedade contemporânea define como “obra”. Dessa feita, o poema é pensado artisticamente como síntese reflexiva e criativa de um processo de compreensão de uma realidade complexa, e, dessa feita, seu estudo é apresentado como contribuição para o processo formação humana em chave crítica.

#### EFEITOS DO *PSOGOS* NO POEMA “PATRÃO” DE NOÊMIA DE SOUSA

Hêmille Raquel Santos Perdigão  
Bacharelanda (Ufop)  
Bernardo Nascimento de Amorim  
(Ufop)

No poema “Patrão”, da poeta moçambicana Noémia da Sousa, tem-se um ponto de inflexão no discurso do eu lírico, no momento em que ele se refere ao episódio em que o patrão e outro senhor riem dele. O riso desperta no eu lírico a consciência de exclusão de algo que é direito seu; em consequência do que, imediatamente, surge nele uma reatividade através das palavras, em uma notável mudança de tom no discurso após ter sua língua como motivo de riso. Levando-se em conta os conceitos aristotélicos dos subgêneros do cômico, tem-se o *gueloion* e o *psogos*, como exercícios do riso anódino e o vituperioso, respectivamente; nota-se que o riso a que se refere o eu lírico do poema de Noémia de Sousa pode ser classificado como *psogos*, uma vez que tem o intuito de causar dor e apartar o eu lírico de um meio. O presente ensaio apresenta a interpretação detalhada do poema, tendo em vista os conceitos aristotélicos de riso e, também, os efeitos do subgênero cômico *psogos* no discurso do eu lírico.

40

#### POESIA, HUMOR E FORMAÇÃO CRÍTICA EM UMA DISCIPLINA DE PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE FERNANDA TATAGIBA, MARA CORADELLO E SUELY BISPO

Maria Amélia Dalvi  
(Ufes)

No primeiro semestre de 2019, ofereci, na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, a disciplina “Tópicos Especiais”, com recorte na poesia contemporaneíssima escrita por mulheres nos últimos cinco anos (2015-2019). Duas das atividades realizadas consistiram na leitura coletiva de obras poéticas constantes na bibliografia da disciplina e na produção, pelos discentes, de verbetes sobre as poetisas em estudo, que foram lidos, discutidos e reformulados, um a um, em sala. Com base em estudos anteriores

(DALVI, 2013, 2014, 2018), parto do princípio de que: a) a leitura literária partilhada é uma experiência de conscientização e, portanto, de formação crítica – fundamental ao alargamento e complexificação do próprio processo de leitura e à compreensão e problematização dos vínculos entre literatura, alteridade e sociedade; e b) a escrita em chave dialógica é uma das dimensões inarredáveis do processo mútuo e solidário de educação literária – e, assim, de formação humana omnilateral. Tendo, pois, tal experiência docente em mente, e a variabilidade de situações e abordagens em sala de aula, proponho à luz de noções teórico-metodológicas do campo materialista histórico (especialmente, a Filosofia Enunciativo-Discursiva da linguagem, a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica), a leitura de um poema de: 1. Fernanda Tatagiba (cuja obra *Labirinto Mínimo* foi publicada posteriormente à produção do programa da disciplina – não constituindo, pois, o escopo bibliográfico em estudo, mas acrescentada como sugestão de leitura no correr do período letivo); 2. Mara Coradello (cuja obra “A alegria delicada dos dias comuns” constituiu o *corpus* da avaliação escrita aplicada à turma); e 3. Suely Bispo (cuja obra *Lágrima fora do lugar* deu ensejo à produção de um verbete por um dos estudantes).

## O HUMOR EM POEMAS INFANTIS: RISO E REFLEXÃO

Maria Amélia Dalvi  
(Ufes)

Monick Pereira de Araújo dos Santos  
Bolsista de Iniciação Científica/CNPq (Ufes)

41

Essa pesquisa apresenta a literatura infantil sob o recorte do humor na poesia e reflete sobre como esse gênero literário contribui para a formação de leitores críticos. Partindo do percurso histórico-cultural da literatura infantil no Brasil (ZILBERMAN, 1991); da relação entre literatura e escolarização básica (DALVI, 2013); das discussões sobre a função do professor no processo de mediação da aprendizagem (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2014); das concepções de enunciado e linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2009), delineamos a fundamentação teórico-metodológica deste trabalho. Para o *corpus* de estudo, selecionamos quatro obras literárias – “No cangote do saci”, de Maria Amélia Dalvi e Daniel Kondo; “Caderno de rimas do João”, de Lázaro Ramos e Mauricio Negro; “Piolho na Rapunzel”, de Leo Cunha e Joãocaré; “A volta do garoto”, de Jorge Emil e Renato Moriconi – para identificação de procedimentos linguísticos e literários que produzem humor nos poemas; exemplificaremos nossos estudos com um poema de cada obra constitutiva de nosso *corpus*. No tocante à face linguística da produção do humor, dialogamos com as contribuições de Possenti (2001), a partir do mapeamento dos seguintes procedimentos:

divisão de uma sequência; trocadilho; duplo sentido; relações intertextuais; e mudança de tópico. Para a identificação e sistematização de tais procedimentos, consideramos as estruturas literárias do poema (estrofação, versificação, rimas, figuras de linguagem), na sua correlação com temáticas e práticas comuns no universo infantil (descrição do cotidiano familiar, apropriação/reinvenção de ditos populares e lendas folclóricas, humanização de animais). Procuramos compreender como as obras analisadas agenciam e exploram esses procedimentos, estruturas, temáticas e práticas e, assim, proporcionam o riso e a reflexão, no processo de leitura dos poemas.

## A TIRANIA NOSSA DE CADA DIA DESDE SEMPRE

Pedro Antônio Freire  
(Colégio Marista Champagnat)

Nas *Cartas chilenas*, atribuídas ao poeta árcade brasileiro Tomás Antônio Gonzaga, deparamo-nos logo de início com a seguinte imprecação por parte do ácido Critilo a certo destinatário, aparentemente tranquilo: “Mas, Doroteu, não sintas que te acorde; / Não falta tempo em que do sono gozes: / Então verás leões com pés de pato, / Verás voarem tigres e camelos, / Verás parirem homens e nadarem / Os roliços penedos sobre as ondas. / Porém que têm que ver estes delírios / Co'os sucessos reais, que vou contar-te?”. A partir de então, o hipotético remetente passa a desfilir uma série de queixas sobre os atos de um tirano local alcunhado “Fanfarrão Minésio”. Diante disso, estabeleceremos que o humor sarcástico da obra (já posto no antagonista onomasticamente) se apresenta pela confrontação entre os absurdos relatados e o mundo onírico (surreal), presente, por exemplo, na citação acima; no desenvolvimento do trabalho, interpelaremos o “sono” (que comparece na citação aqui reproduzida) como sintoma da “alienação” (FREITAS, 2001) do interlocutor da obra literária. Nessa trilha, também apontaremos algumas estratégias utilizadas no texto gonzaguiano para se escamotear autoria, alvo e objetivo das críticas – estratégias que operam como recursos do discurso satírico, parodiando a si mesmo, porque isso se faz importante como contraponto aos lugares comuns pertencentes ao próprio período literário do supracitado poeta. Ainda contaremos, para a contextualização do gênero, com a “Anatomia da sátira” (HANSEN, 1991) e, para situar o “empenho” literário, convocaremos “A musa literária” (CANDIDO, 2000), a fim de estabelecermos por fim um elo que se refira àquela e à nossa conturbada realidade, incluindo uma tangência à relevância da derrisão para ambas.

42

## POESIA CONTEMPORANEÍSSIMA E O CÔMICO: “UMA FACE” E “STRIP-TEASE” DE BRUNA KALIL OTHERO

Ravena Brazil Vinter  
Doutoranda – Bolsista Fapes (Ufes)  
Rosana Carvalho Dias Valtão  
Doutoranda (Ufes)

A literatura feminina pós-moderna é marcada pela renovação da linguagem, pelo agenciamento de contradições e pelo estranhamento, em uma busca por problematizar o ser e estar no mundo, e principalmente a visão caricatural da mulher. Pensar o cômico nessa expressão literária é buscar o deslocamento, a dicção própria do feminino. A retórica tradicional do riso explica o humor como “uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.” (TRAVAGLIA, 1990, p. 55). Deste modo, este trabalho debruça-se sobre os textos “Uma face” e “Strip-tease”, de Bruna Kalil Othero, com vistas a pensar recursos de humor na poesia contemporaneíssima. Ler Othero e pensar em sua produção – que foge do rigor formal, explora recursos intertextuais e confronta o leitor com o mundo e suas realidades – é oportunizar a construção de novas representações sociais a partir do literário.

43

## MURILO MENDES À PROCURA DE UM SABIÁ COM CERTIDÃO DE IDADE: CANÇÃO DO EXÍLIO E MODERNISMO

Régis Frances Telis (UFF)

O Modernismo brasileiro foi um período muito profícuo, entre outras coisas, para se pensar sobre a nova nacionalidade emergente, na proposta comum dos artistas, apesar das diferenças individuais, que vão se acentuando com o tempo. No Modernismo de combate da década de 1920, sem dúvida, o humor, através da paródia, do coloquialismo, do método de querelas, propiciou o enfrentamento do *status quo* artístico vigente, bem como dos padrões sociais. Dentre versos já esquecidos, em geral, como os de Juó Bananère (“Che scuità strella, né meia strella!”), nos quais satiriza o célebre poema “Via Láctea”, de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas parnasianos, ressaltamos, nesse momento tão produtivo e rico de nossa literatura, a obra inicial de Murilo Mendes, em seu livro de estreia, *Poemas*. A nossa proposta é fazer uma leitura mais específica de sua Canção do Exílio, a qual estabelece um diálogo com o poema homônimo de Gonçalves Dias, mas, sobretudo, estabelece uma crítica ao momento presente, de sufocamento de uma nacionalidade emergente e já estrangeira. Os escritos de Sérgio Buarque de Holanda

e Silviano Santiago servirão para balizar essa leitura do “nacional” em construção.

POR QUE E COMO CERTOS POEMAS FAZEM RIR? UMA  
LEITURA DE POEMA-PIADA – BREVE ANTOLOGIA DA POESIA  
ENGRAÇADA (2017)

Wilberth Salgueiro  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D/CNPq (Ufes)

No livro *Poema-piada – breve antologia da poesia engraçada* (2017), organizado por Gregório Duvivier, há 28 poetas (entre os quais 5 mulheres) e 53 poemas, de Gregório de Matos a Bruna Beber, passando por Oswald de Andrade, Millôr Fernandes, Paulo Leminski, Leila Mícolis e outros “clássicos” quando se pensa em poetas cujas obras têm no humor um forte recurso. Mais do que (tentar) indicar que possíveis critérios orientaram a seleção da antologia, a proposta é (a) deslindar que recursos os poemas utilizam para a produção da humor e (b) delinear os “temas” dos poemas, atentando especialmente para aqueles que abordam questões sociopolíticas, como os de Glauco Mattoso (“Do decoro parlamentar”), Cacaso (“Jogos florais”) e Alice Ruiz (“[era uma vez]”). No horizonte teórico, consideraremos as reflexões de Luigi Pirandello em “O humorismo” (1908) e de Theodor Adorno em “A arte é alegre?” (1967).

44

## **Simpósio 6:**

### **ENTRE RISOS E LUTAS: O HUMOR COMO CRÍTICA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Coordenação:

Fabíola Padilha Trefzger (Ufes)

Rafaela Scardino (Ufes)

Diante dos desafios de lidar com o presente, de buscar entendê-lo e encontrar saídas que sejam mais do que o diagnóstico das perdas, o humor comparece na literatura contemporânea como estratégia crítica que nos permite um olhar deslocado para seu tempo. Num momento como o que vivemos, no Brasil e em diversos outros países do mundo, de crescimento ostensivo de forças conservadoras e autoritárias, o humor assoma como um significativo dispositivo de resistência e de combate a essas forças. Tendo em vista, portanto, o contexto exposto, nosso simpósio propõe uma reflexão em torno das seguintes questões: 1) como a literatura contemporânea *resiste* aos tempos sombrios pelo viés do humor?; e 2) qual a potência crítica do humor da e na literatura contemporânea?

#### **Comunicações:**

45

### **HUMOR E IRONIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS: RIR PARA NÃO CHORAR**

Alcione Candido da Silva  
Alexsandro Rosa Soares

A fortuna crítica da escritora mineira Carolina Maria de Jesus traz em seu bojo histórias repletas de tristezas, tendo em vista o contexto social excludente escolhido como pano de fundo para os testemunhos narrados. A fome, a miséria, o racismo e o silenciamento dos excluídos, são algumas das mazelas descritas nos seus diários e suas poesias, paralelas à sororidade da personagem, que por diversos momentos estabelece críticas sobre a desigualdade de gêneros na raça humana. Os estudiosos Meihy e Levine (2015) apontam que nos relatos que tratam da pobreza e da discriminação racial na obra *Diário de Bitita*, por exemplo, a autora “tempera amargura com singeleza e humor seco”. Isso posto, essa comunicação pretende discutir se, diante da carga memorialística negativa, é possível encontrar aspectos de humor e ironia nos seus escritos. A hipótese que se apresenta é de que existem traços, nos relatos autodiegéticos, que comprovam uma entrega da escritora a

sentimentos de humor que confrontam à dura realidade vivenciada, possivelmente, com o intuito de amenizar os sofrimentos.

## HERANÇAS DO TERROR: HUMOR E RESISTÊNCIA NA NARRATIVA *PEGA PRA KAPPUT!*

Carlos Augusto Carneiro Costa  
(Unifesspa)

*Pega pra Kapput!* (1978) narra a tentativa de fuga de Adolf Hitler para a América Latina, em 30 de abril de 1945. Faz parte do plano de fuga o disfarce do ditador de rabino ortodoxo. Além de ter que aprender algumas palavras do vocabulário iídiche, Hitler é orientado por seu médico de extrema confiança a fazer a circuncisão. Morell lhe avisa que, em razão dos salários atrasados e de sua inexperiência com esse tipo de procedimento, ele não faria a cirurgia, mas sim outro médico, um judeu ortodoxo, míope e sem óculos. Como é de se imaginar, o médico erra o corte e, ao invés de ser circuncisado, o “Fuehrer” perde o único testículo que tinha. Um coronel da SS é o responsável por transportar o “suvenir” de Hitler, que vem parar no Sul do Brasil. Durante a viagem, o oficial perde o frasco, que é encontrado por Dona Raquel. Dezenove anos se passam. Em 1964, um cão pastor alemão bate à sua porta. Está à procura da senhora e do souvenir. O presente trabalho examina as relações entre o humor presente em *Pega pra kapput!*, de autoria coletiva dos escritores Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo e Edgar Vasques, e o contexto ditatorial brasileiro da década de 1960 do século passado. Apesar da aparente incongruência existente entre as categorias humor e terror, no campo da ficção sua conjugação pode ser produtora ao estabelecer crítica social. Nesse sentido, o estudo verifica, num primeiro momento, os procedimentos formais utilizados pelos escritores para produzir efeitos de riso em situações que envolvem dor e sofrimento. Em seguida, procura compreender com que finalidade esses autores tratam com humor eventos históricos caracterizados pela violência extrema. Com isso, elabora uma análise da função do humor no tratamento ficcional de situações-limite e na construção de imagens que apontam para uma perspectiva de resistência ao terror e para a problematização de seu legado na sociedade brasileira contemporânea.

46

## O HUMOR CORROSIVO DE VICTOR GIUDICE NO ROMANCE *BOLERO*

Carolina Veloso  
Doutoranda – Bolsista CNPq (UFSC)

Neste trabalho, proponho-me a fazer uma breve análise sobre os recursos de comicidade no romance primogênito do escritor carioca

Victor Giudice, *Bolero* (1985), e suas relações com os últimos acontecimentos da política brasileira. Quem conhece a obra de Giudice está acostumado com o seu humor peculiar e um tanto estranho, ao mesmo tempo em que provoca riso no leitor, também o aproxima. Nesse sentido, com base nas teorias de Henri Bergson (1983), Vladimir Propp (1992), Matthew Hodgart (1969) e Dustin Griffin (1994), pretendo explicar de que modo o riso em *Bolero* é motivado pelas situações absurdas em que o enredo da obra está inserido: uma vez que o Circo se revela como centro político da Cidade e do regime monárquico, onde cabeças são cortadas e retornam ao lugar, onde pães são multiplicados e o palhaço é o rei. Essa caricatura do rei, líder máximo da monarquia, como um palhaço no comando de um circo, representa uma provocação satírica que nos remete ao atual contexto brasileiro. Em 2016, o Brasil viu sua jovem democracia ruir aos aplausos de homens de terno e aos painéis de uma classe média de verde e amarelo. Cenário muito semelhante se deu na recente eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República. Observamos, incrédulos, cenas e situações absurdas tornarem-se realidade. A farsa circense de *Bolero* nos remete ao grande espetáculo do golpe parlamentar de 2016 e seus desdobramentos.

#### O DUELO DE SUASSUNA: A DESCONSTRUÇÃO DO EMBATE PELO VIÉS DO HUMOR EM *O ROMANCE DA PEDRA DO REINO*

47

Edna da Silva Polese  
(Ufes/UTFPR)

Em *O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vae-Volta* (1972), Ariano Suassuna tece uma narrativa monumental em que diversos gêneros se misturam para contar a história de Quaderna, herdeiro do famigerado acontecimento Messiânico-Sebastianista da Pedra do Reino. O tema tenso é pincelado com vários episódios intercalados em que o humor se faz presente, principalmente em relação aos ideais políticos e grandiloquentes das personagens. Uma dessas passagens narra o duelo dos dois professores de Quaderna, Samuel e Clemente, de origens e posturas políticas opostas – um é conservador e o outro, comunista. Clemente desafia Samuel para um duelo. O que deveria ser um acontecimento carregado de drama, transforma-se em cena humorística quando o desafiador, Clemente, escolhe penicos para serem as armas da luta, pois assim, vencerá de maneira humilhante o oponente. A cena será estudada pelo viés da teoria do grotesco de Bakhtin, presente na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, que percebe em literaturas muito antigas como em *Os ajuntadores de ossos*, de Ésquilo, a presença do grotesco (pela configuração simbólica dos excrementos) como desconstrutores da postura clássica e séria de guerreiros. A tentativa



de desconstrução da cena séria para a cômica é explicitada pela própria personagem, Clemente: “Como morreu o Doutor Samuel Wan d’Ernes, descendente do homem de confiança do Príncipe João Maurício de Nassau”? — perguntarão uns. E os outros responderão: “Morreu numa penicada que levou na cabeça, dada por um Filósofo negro-tapuia e comunista!” (SUASSUNA, 1972, p. 221). Assim, a cena da obra literária de Suassuna se presentifica, frente a uma situação trágico-cômica vivenciada pelo atual quadro político brasileiro.

#### MAFALDA E SEU HUMOR CRÍTICO: VAMOS REFLETIR, CRIANÇAS?

Fabiani Rodrigues Taylor Costa  
(Sedu-ES)

Trata-se de um estudo a respeito dos quadrinhos de Quino, onde a personagem principal, Mafalda, através de um humor crítico, ressalta temas importantes para a sociedade atual, como por exemplo, o feminismo e questões políticas, tão pertinentes para as discussões sobre um governo autoritário que defende a misoginia, decadência dos direitos humanos e política voltada somente para a elite. Pretende-se, a partir de quadrinhos previamente selecionados sobre os assuntos propostos, organizar aulas para os estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental, para que possam acontecer debates a respeito dos respectivos temas e fazer com que os alunos reflitam sobre o humor, bem como analisá-lo como algo crítico, ou seja, algo que vai além da inocência de somente fazer rir. Para argumentar esses fatos destacados sobre o humor nos quadrinhos de Quino, há que se basear nos pensamentos encontrados em Verena Alberti, Henri Bergson e Lélia Parreira Duarte, pois os autores em questão abordaram tais fatos explicitados neste trabalho.

48

#### A REPRESSÃO BATE À PORTA: HUMOR E LUTA EM *OS VISITANTES*, DE BERNARDO KUCINSKI

Flora Viguini do Amaral  
Doutoranda (Ufes)

Um visitante assíduo da história: assim o é Bernardo Kucinski. O célebre jornalista e escritor, depois de publicar o romance *K.: relato de uma busca* (2013) – que trata da procura de um pai pela filha desaparecida na época da ditadura militar –, visita novamente o passado na novela *Os visitantes* (2016). Composta por narrativas breves, que lembram contos ou crônicas, o narrador-personagem daqui retoma eventos do livro anterior. Num breve resumo, um tanto ressentido com a falta de repercussão do romance, o protagonista recebe em seu apartamento a visita de pessoas que o questionam a respeito da veracidade do que fora narrado no

romance, ao que o escritor se defende dizendo: “É ficção”. Um de cada vez, 12 personagens batem à porta em busca de explicações e retificações, culpando-o ou elogiando, algumas vezes, por méritos que ele mesmo reconhece não tê-los. O objetivo desse trabalho é analisar como Kucinski utiliza certa dose de humor em sua narrativa, sem deflagrar o riso, para criar uma reflexão ética sobre a sociedade, em sua tentativa de esconder, expor ou recontar – independentemente dos lados – a história da repressão e dos anos de chumbo da ditadura militar. Sendo o humor uma modalidade de pensamento e de enunciação que se exprime culturalmente e socialmente em proporções distintas, ou ainda segundo Henri Bergson (2013), derivado de um distanciamento das normas sociais, investigarei como Kucinski afronta as irregularidades, as injustiças ou os tabus da sociedade de maneira humorística. Sobre o universo do humor serão basilares as contribuições de Isabel Ermida, Bergson, entre outros.

#### O CHISTE *RILKE SHAKE*, DE ANGÉLICA FREITAS, COMO RESISTÊNCIA E COMO CRÍTICA

Lucas dos Passos  
(Ifes)

Com a publicação de *Um útero é do tamanho de um punho*, Angélica Freitas ganhou notoriedade no cenário nacional, destacando-se principalmente pelo humor crítico e pela atenção aos discursos feministas, sem abandonar um cuidado formal que se ocupa de redondilhos a versos bárbaros; contudo, a autora havia estreado no cenário poético brasileiro anos antes, com a publicação de *Rilke shake* (para não falar na participação em diversas antologias nacionais e internacionais). Sendo assim, o objetivo desta comunicação é analisar o primeiro livro da poeta gaúcha, observando, naturalmente, elementos formais e ideológicos que seriam consolidados em sua segunda obra, mas sobretudo considerando o posicionamento irônico e chistoso da autora, desde o título, diante do cânone literário – este, marcadamente masculino. Com isso, desenha-se nos poemas enfeixados em *Rilke shake* uma leitura crítica da tradição que reforça a postura de resistência predominante em Angélica Freitas. Para esta análise, ao lado da leitura de alguns poemas centrais da obra em questão, virão ao debate teorias de Freud (1969) sobre o chiste, considerações de Harold Bloom (2002) sobre a angústia da influência no domínio poético e notas da fortuna crítica da autora (SANTOS, HAYASHI, 2014; BASTOS; 2012).

49

## LITERATURA E HUMOR: ENTRE CRÍTICAS E RISOS SOBRE AS MEMÓRIAS DE UM SARGENTO PROMOVIDO A CAPITÃO DE MILÍCIAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Lucimar Simon

O texto apresenta uma análise crítica e risonha sobre as particularidades subjetivadas das personagens caricaturadas por Manuel Antônio de Almeida no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, (este que foi escrito em forma de folhetim e publicado originalmente no Correio Mercantil, entre 1852 e 1853) em interface com o momento histórico atual de ordem e desordem na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. O texto tem por fundamentação teórica e crítica, entre outras leituras, o ensaio *Dialética da Malandragem*, produzido por Antonio Candido e que aponta que o romance de Manoel Antônio de Almeida estabelece uma conexão entre a ordem e a desordem no Rio de Janeiro no período histórico do Brasil Império. Tem por objetivo apresentar nesta interface crítica e risonha como a conexão apresentada por Candido extrapola a linha do tempo histórico imperial chegando a contemporaneidade da República Brasileira. A fundamentação teórica e metodológica de construção textual dar-se pela identificação e análise de ocorrências no texto literário e nas falas das atuais personagens milicianas lideradas pelo suposto capitão de milícias na atualidade do Rio de Janeiro. As publicações e textos coletados em redes sociais e outros meios de comunicação oficiais e não oficiais sustentam a análise crítica e risonha proposta. A potência crítica do humor da, e na literatura contemporânea apresentada neste corpus textual aplica-se e apresenta-se real quando entre um lugar e outro, ou seja, um mundo e outro, percebemos que ambos os grupos de personagens oscilam entre a ordem e a desordem e se articulam em uma rede de alianças institucionais para manter-se no poder dentro de um mundo hierarquizado em aparências que se revelam essencialmente subvertidas aos pressupostos defendidos supostamente em nome da sociedade brasileira.

50

## A GRAÇA QUE GRASSA EM(NAS) DIGITAIS DE WILBERTH SALGUEIRO

Luiz Romero de Oliveira

A labuta dos escritores é considerada por muitos como um modo especial de brincar com as palavras. Essa afirmação, para alguns desses escritores, é algo bastante sério, diga-se de passagem. Entre estes, destaco Wilberth Salgueiro (aka Bith), em cuja obra há patente esforço em "torcer" as palavras, em articulá-las (ou seria desarticulá-las?), permitindo ao leitor que desse jogo participa ser tomado pelo riso que emerge na fricção dos seus versos. Pretende-se aqui refletir

sobre o humor presente nos haikais contidos em *Digitais*, do citado autor, publicado em 1990. É aqui visado, também, apontar como o riso se mostra, na perspectiva psicanalítica, como uma peculiar característica da humanidade. Este estudo se apoiará em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de Sigmund Freud, em que salienta a natureza eminentemente verbal e a brevidade do chiste (característica do haikai), como elementos que propiciam desconcertante surpresa e, num segundo momento, leva-nos ao riso. Como leitura complementar, será utilizado o seminário *As formações do inconsciente*, de Lacan, no qual a noção freudiana de chiste também é desenvolvida.

### “FELIZ ANO NOVO”, UM CONTO DE HUMOR E DOR

Nanine Renata Passos dos Santos Pereira  
(Ifes)

Um dos contos mais conhecidos do escritor Rubem Fonseca, “Feliz ano novo”, apresenta ao leitor uma divisão clara em sua estrutura narrativa, que, conseqüentemente, gera dois momentos distintos no texto. O primeiro humaniza os personagens principais, oferecendo-nos, de forma bem-humorada, uma visão explícita do cotidiano de um grupo jovens rapazes, em forma de diálogos breves e do uso de gírias e expressões. No segundo momento, há uma mudança radical na narrativa, pois o mesmo grupo de antes é o que passará a praticar uma seqüência de crimes em uma residência por eles invadida na noite de *reveillon*. É possível perceber, portanto, que a história passa a cenas de desconstrução do humano, coisificando corpos e animalizando as ações dos protagonistas. O cenário explicita muita dor e agressão. Portanto, a obra nos leva a refletir que a violência pode ter mil faces: a da dor do não-pertencimento, da exclusão social, a que é praticada no assalto, no estupro, no assassinato, na invasão, enfim. São, portanto, causa e efeito, ação e reação contínuas, fruto da desigualdade social. Partindo dessas considerações, passaremos a analisar a urgência da literatura como possibilidade de crítica à sociedade de consumo a qual, hipocritamente, reconhece como ato de violência tão somente aquele que se pratica contra a elite, mas não assume ser violenta a estrutura de apagamento e de opressão que se impõe à classe trabalhadora e aos miseráveis no sistema capitalista.

51

### ENTRE LÁGRIMAS E GARGALHADAS: UMA LEITURA DE *O TRÁGICO E OUTRAS COMÉDIAS*, DE VERONICA STIGGER

Susana Souto Silva  
(Ufal)

Virginia Woolf, em um ensaio intitulado “O valor do riso” desfaz, ou ao mesmo torna mais complexa, a relação opositora entre rir e chorar, entre cômico e sério, entre comédia e tragédia, e é no encontro complexo desses pares opostos (?) que ela situa o humor: “O riso é fruto do espírito cômico que existe dentro de nós, e o espírito cômico se interessa pelas esquisitices e excentricidades e desvios do padrão reconhecido. Seu comentário é feito um riso súbito e espontâneo que vem, mal sabemos nós por quê, e não podemos dizer quando. Se tivéssemos tempo para pensar — para analisar a impressão que o espírito cômico registra —, sem dúvida constataríamos que o que é superficialmente cômico é fundamentalmente trágico e, enquanto houvesse nos lábios o sorriso, em nossos olhos haveria água” (2014, p. 36). Em diálogo com esse texto de Woolf, com teóricos que investigaram o vasto e complexo território do riso, como Bakhtin (1993), Bergson (2001) e Alberti (1999), e ainda com outros livros da escritora contemporânea Veronica Stigger, serão aqui analisados contos do seu livro de estreia, *O trágico e outras comédias* (2004), que, como o título indica, apagam as fronteiras entre cômico e trágico, a partir de procedimentos que remetem ao baixo corporal e que questionam o bom senso e o bom gosto.

#### HUMOR E INVENÇÃO EM *ME SEGURA QU’EU VOU DAR UM TROÇO*

Tazio Zambi de Albuquerque  
(Ifal)

52

A obra de Waly Salomão constitui um marco referencial para o conjunto de experimentações escriturais que se realizam durante os anos 1970 no Brasil. Entre repertórios, meios e modos compositivos diversos, o itinerário do poeta baiano é marcado por uma permanente metamorfose em busca de amálgamas transitórios entre linguagens e, desse modo, investiga o campo de possibilidades criativas de seu tempo. Associando procedimentos das poéticas vanguardistas e experimentais do século 20 ao contexto tecnocultural do pós-Guerra e às práticas enunciativas do universo cotidiano, *Me segura qu’eu vou dar um troço*, de 1972, é um texto compósito engendrado por uma ampla série de disjunções e conjunções. No livro, escrito sob os influxos da repressão da ditadura militar, alegorias apocalípticas se aliam a paródias e jogos paronomásicos e produzem deslocamentos de sentidos que situam o humor como elemento estruturante do fluxo enunciativo. Este trabalho tem como objetivo analisar *Me segura qu’eu vou dar um troço* (1972) a partir de seus procedimentos compositivos associados à produção de efeitos de humor, em diálogo com teóricos como Bakhtin (1993), De Certeau (1998) e Huizinga (2010).

## **Simpósio 7:**

### **O HUMOR NA LITERATURA ESTRANGEIRA: “É ENGRAÇADO PRA QUEM?”**

Coordenação:

Grace Alves da Paixão (Ufes)

Laura Ribeiro da Silveira (Ufes)

O humor costuma estar associado a um tempo histórico determinado e a uma cultura específica. Seja em forma de crítica (social, política ou de costumes), de ironia, de exagero, o cômico surge no desvelamento da graça inesperada, resultado de uma comunicação bem sucedida. Assim, é o conhecimento (linguístico e cultural) compartilhado entre autor e leitor, falante e ouvinte, ator e público que conduz ao riso. O que faz, então, com que textos humorísticos produzam determinado efeito ao longo do tempo e em diferentes contextos? O humor se traduz entre línguas e culturas? De que é feito o humor e que funções ele exerce tanto na literatura quanto na sociedade? Nessa perspectiva, este simpósio propõe debater a comicidade bem como seus efeitos nas literaturas estrangeiras, de modo a promover reflexões sobre o que é universal e atemporal, sobre produção e recepção, sobre as relações entre texto e contexto, sobre as diversas linguagens do humor.

53

## **Comunicações:**

### **IRONIA EM *THE AGE OF INNOCENCE*: UM DELEITE PARA O LEITOR**

Adriana Falqueto Lemos  
(IFSP)

Rossanna dos Santos Santana Rubim  
(Ifes)

O romance *The Age of Innocence* (1920), de Edith Wharton, é uma novela de costumes, que oferece oportunidade para que o leitor conheça um pouco da vida aristocrata na Nova Iorque de 1862, cuja trama gira em torno de um triângulo amoroso formado por Newland Archer, May Welland e Ellen Olenska. Com suas observações pontuais, a autora consegue dar a ver como arranjos culturais podem restringir a forma como as pessoas vivem em sociedade. Costumes, modos e vestimentas são ricamente descritos, pincelados com comentários irônicos, resultando numa leitura prazerosa. Nesta perspectiva, propõe-se um estudo bibliográfico, com análise do *corpus*, que é o texto narrativo, com a intenção de

discorrer sobre como a ironia empregada na escrita narrativa de Wharton seduz e diverte o leitor, ao longo do romance. Com esse fito, utiliza aporte teórico de Linda Hutcheon e seus estudos sobre ironia. A partir disso, pretende ponderar como o texto sobrevive ao tempo, a outras geografias, culturas e mulheres.

## O CÔMICO NA COMÉDIA “IL SERVITORE DI DUE PADRONI”, DE CARLO GOLDONI

Caroline Barbosa Faria Ferreira  
Doutoranda (Ufes)

Partindo do pressuposto de que o riso é um fenômeno que deve ser analisado juntamente com a cultura do povo que o produz, bem como, com o momento histórico em que ele está inserido, pois “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32), este trabalho tem como principal objetivo analisar alguns elementos risíveis na comédia *Il servitore di due padroni*, de Carlo Goldoni, levando-se em consideração para esta investigação, não somente questões textuais, mas também históricas, culturais e sociais da Veneza do século XVIII. A peça, que é a mais próxima da *Commedia dell’Arte* escrita pelo ator, é a obra mais conhecida de Carlo Goldoni aqui no Brasil, e foi escrita completamente no ano de 1745. Para o autor, *Il servitore di due padroni* se assemelha às tradicionais comédias histriônicas, sem que haja nela todas as impropriedades grosseiras que ele condenou posteriormente em sua comédia-manifesto “Il teatro comico” (1750). Para nós, por ser mais próxima da *Commedia dell’Arte*, *Il servitore di due padroni* é a peça com mais aspectos risíveis do autor Carlo Goldoni. Talvez se deva a esse aspecto o grande sucesso que ela alcançou no Brasil.

54

## A PERCEPÇÃO DO HUMOR PELO LEITOR BRASILEIRO NA OBRA *LAZARILLO DE TORMES*

Cláudia Paulino de Lanis Patrício  
(Ufes)

O autor anônimo de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* retrata a tradição medieval representando, em seu texto, um processo de aprendizagem. Esta obra é o primeiro romance picaresco, publicado em 1554, e está dividida em tratados. Seus personagens iniciais são a dupla cômica: um menino e seu guia, um cego mendigo. *Lazarillo*, a criança doada a um cego para ter uma vida melhor (comer diariamente) aprende, de forma agressiva, a ser mais esperto para a vida. Assim, sucessivamente, o relato nos mostra as várias aventuras humorísticas pelas quais o pequeno passa a cada

câmbio de anos. As manifestações de humor estão baseadas no engano vivido nestas aventuras, quando, por exemplo, o cego golpeia a cabeça de Lázaro contra o touro de pedra na saída da cidade de Salamanca; o caso do roubo engenhoso do vinho com o canudinho; entre outras peripécias vividas ao longo da obra. Todas diante de um adversário que tenta enganá-lo sempre. De ingênuo, o menino se transforma, ao longo de sua vida, em pícaro, aprendendo inestimáveis lições de astúcia picaresca de um cruel professor, o qual acaba por superá-lo. O escopo deste trabalho consiste em analisar as barreiras enfrentadas por alguns leitores brasileiros quando leem a obra *Lazarillo*. Estes se entristecem, sentem pena do personagem e não percebem o humor no relato. O que pode ser atribuído à escassez em estudos em didática da literatura para estrangeiros. Portanto, a literatura como parte do ensino de idiomas deve ser relacionada aos aspectos culturais primordiais para os leitores compreenderem o humor nas obras literárias. A fim de atingir nosso objetivo, serão utilizados estudos de Carmen Fernández Sánchez sobre o humor na literatura; Henri Bergson, sobre riso e comicidade; Sara Rus Oneca e Enrique Banús sobre a comicidade para leitores estrangeiros.

#### UMA VISÃO PANORÂMICA DO HUMOR E DO RISO NA LITERATURA ESPANHOLA; DA IDADE MÉDIA A MIGUEL DE CERVANTES

55

Ester Abreu Vieira de Oliveira  
(Ufes)  
Maria Mirtis Caser  
(Ufes)

Oscilante entre a razão, porque diferencia o homem dos outros animais, e a não razão, por caracterizar-se pelo prazer, pela distração, pelo pecado, enfim, o que afastaria os humanos de Deus, a essência do riso tem sido uma constante interrogação entre filósofos, historiadores, psicanalistas e outros estudiosos. Com base nos estudos sobre o riso, o humor e o risível, produzidos por Henri Bérqson (1983), por Verena Alberti (2002), por Mikhail Bakhtin (1987), nos estudos sobre a Idade Média com base na obra de Rabelais, pretendemos apresentar, numa visão panorâmica, os vários conceitos sobre o tema, identificando a relação do riso com o tempo e o espaço em que se engendra e a forma como se apresenta. Busca-se analisar as relações entre o humor e o texto literário, exemplificando com obras de autores da Idade Média, do Renascimento e do Século de Ouro espanhol, tais como *El Libro del Buen Amor*, de Arcipreste de Hita; *Corbacho o Reprobación del amor mundano* de Arcipreste de Talavera; *Lazarillo de Tormes*(anônimo); *La niña de Plata*, de Lope de Veja; e *Retablo de*



*las maravillas e Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes, entre outros.

#### “POR QUE RIMOS DO QUE ELES DIZEM?”: REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DA COMÉDIA FRANCESA NOS PALCOS BRASILEIROS

Grace Alves da Paixão  
(Ufes)

De maneira geral, e por fatores políticos e sociais, a literatura francesa circula no Brasil de maneira expressiva: é lida, comentada, traduzida, encenada. A literatura configura-se um dos terrenos em que as trocas culturais entre França e Brasil se deram com maior vigor e complexidade. Dentre as várias facetas da recepção da literatura francesa no Brasil, está a presença constante da cena francesa nos palcos brasileiros. Autores como Molière, Beaumarchais, Ionesco, distantes de nós no tempo e no espaço, são exemplos de autores costumeiramente encenados pelas companhias teatrais brasileiras, com grande alcance de público. Pensando nisso, esta comunicação pretende propor reflexões acerca da presença de comédias francesas nos nossos palcos, tentando compreender como e por que tais autores parecem permanecer atuais e provocar o riso num contexto - pelo menos aparentemente - tão distante daquele em que tais textos foram produzidos.

56

#### O HUMOR FEMINISTA DE MURIEL SPARK EM “MISS PINKERTON’S APOCALYPSE”

Laura Ribeiro da Silveira  
(Ufes)

Premiada romancista, contista, poeta e ensaísta escocesa, a dama Muriel Spark foi incluída pelo jornal *The Times* na lista dos 50 maiores escritores britânicos desde 1945. Seu centenário foi comemorado em 2018 com a reedição de seus 22 romances, que a fizeram famosa pelo humor e inteligência com que trata temas sérios em seus textos. Para esse trabalho, elegemos seu conto “*Miss Pinkerton’s Apocalypse*”, publicado originalmente em 1958, pela crítica social e, principalmente, pelo humor feminista que destacamos no texto. Embora a temática do conto seja o sobrenatural, em um cenário doméstico da Inglaterra pós-guerra, e a forma como as pessoas reagem à sua presença, o conto é narrado de uma perspectiva feminina e feminista, ainda que em terceira pessoa, porém com mudança da voz narradora no último parágrafo, de modo a confirmar a veracidade da versão apresentada pela personagem feminina e garantir a autoridade da sua fala junto ao leitor. O humor se estabelece desde o início e permeia todo o texto, a partir de duas vertentes principais: a linguística e a social. Assim, a

autora explora a homonímia dos termos *saucer* (pires) e *flying saucer* (objeto voador), bem como a metonímia de *china* (porcelana) e o país de sua origem, *China* (China). Socialmente, ela questiona a voz da mulher na sociedade, ao apresentar a personagem principal desacreditada e silenciada pelos personagens masculinos, para, então, conferir-lhe poder para reverter a situação por meio da inteligência e do humor que a personagem emprega para, então, desautorizar a fala de seu colega homem. Nossa análise do humor nesse texto se concentra, pois, nessas vertentes apresentadas e parte das considerações teóricas de Lois Tyson acerca da autoria feminina.

### HUMOR E CARNAVALIZAÇÃO EM *BÓBOK*, DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI: APONTAMENTOS SOBRE O RISO GROTESCO NO CONTEXTO RUSSO DO SÉCULO XIX

Letícia Queiroz de Carvalho  
(Ifes/Campus Vitória)

A partir da análise do conto *Bóbok*, de Dostoiévski, pretende-se ressaltar como o humor presente na narrativa do autor russo relaciona-se à carnavalização, categoria conceitual bakhtiniana apresentada, principalmente, em seus livros *Problemas da poética de Dostoiévski* (2011) e *A cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais* (2010). O cotejamento entre o conto escolhido como corpus de análise e os pressupostos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin sobre a carnavalização, em diálogo com textos críticos sobre esses autores, serão o aporte teórico que subsidiará as discussões propostas neste trabalho. Espera-se com esse diálogo compreender como a cosmovisão carnavalesca, o riso grotesco, o uso da máscara, a relativização das hierarquias e a abolição provisória das regras, tabus, privilégios e papéis sociais ampliam a perspectiva social do texto literário em seu contexto de produção e circulação, a partir do humor em sua vertente crítica e desestabilizadora, bem como a interlocução entre as questões sociais e políticas do contexto russo no século XIX e o cenário social contemporâneo.

57

### OS HUMORES EM SAMUEL BECKETT: UMA ANÁLISE DO CÔMICO EM *PREMIER AMOUR*

Renata Vaz Shimbo  
Doutoranda (PUC-SP)

Samuel Beckett (1906 – 1989) publicou sua obra em inglês e francês, sendo ele mesmo o tradutor de seus escritos em ambas as línguas. Escritor irlandês, iniciou sua escrita em língua inglesa, optando pelo francês, posteriormente, como uma estratégia de romper com o estilo e as amarras que carregava com a visão historicizada do primeiro idioma. Esta pesquisa busca analisar a presença do humor

como procedimento de linguagem em sua escrita, trazendo como exemplo a novela *Premier amour* (1970). Consideramos que os efeitos de humor se distinguem em especificidades linguísticas e, neste sentido, nossa intenção é cotejar as singularidades cômicas aportadas pelo texto original, em francês, sua autotradução feita por Beckett para o inglês, e as traduções para a língua portuguesa e o espanhol. Para isso, teremos em conta os conceitos de humor de Henri Bergson e Gilles Deleuze. Verificamos que, no caso de Beckett, os efeitos causados pelo procedimento de linguagem do humor são preponderantes sobre os da ironia e que no momento de sua autotradução, o autor optou por escolhas linguísticas que estabelecessem relações ou estruturas de palavras específicas que gerassem efeitos cômicos distintos, a depender da língua com a qual estava escrevendo. À luz dos conceitos de Bergson, percebemos que alguns procedimentos se tornam inoperantes quando traduzidos, assim como novos se criam em uma outra língua, a depender do trabalho do tradutor ou, neste caso, do próprio autor. Esperamos, com esta análise, colaborar com a discussão a respeito do humor na literatura enquanto procedimento de linguagem capaz de, em determinados momentos, sobrepor-se a contextos culturais e relacionar-se unicamente com o que se torna universal ao ser humano.

#### O HUMOR NA LITERATURA DE TESTEMUNHO: HAIKAIS FRANCESES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

58

Roberto D'Assumpção Silva  
Graduando (Ufes)  
Wilberth Salgueiro (Ufes)

O trabalho examina os haikais reunidos na antologia *En pleine figure: haïkus de la guerre 14-18*, organizada por Dominique Chipot (2013), produzidos por diversos autores participantes da Primeira Guerra Mundial e com enfoque temático na própria experiência da guerra e do pós-guerra. A pesquisa, que tem se desenvolvido através do PIBIC 2018/2019, se dá em análise literária dos haikais do livro, buscando compreender a inusual utilização da forma poética japonesa como ferramenta da passagem do trauma pessoal para a arte (considerando-se que, tradicionalmente, o haikai é impessoal), além das modificações da forma japonesa no trânsito ao ocidente. Para tal, fundamenta-se tanto em textos de Márcio Seligmann-Silva, Jeanne Marie Gagnebin e Walter Benjamin que discutem a relação da literatura com a história e o testemunho, em textos de Octavio Paz e Paulo Franchetti sobre teoria do haikai, e em textos de José António Gomes e Paul Miller sobre o caso específico do chamado haikai de guerra. Além da inusual união entre haikai e testemunho, há haikais na antologia que, apesar da frequente morbidez dos temas, utilizam como recurso literário principal o humor. O humor,

apesar de característico do haikai japonês, é incomum em literatura de testemunho. Contudo, o trabalho discute a utilização do humor no testemunho como recurso dialético na tentativa de compreensão do trauma, ao deslocar o trauma de seu lugar monstruoso para um campo que lhe traveste com o estranhamento da situação humorística, na qual há outra possibilidade, por parte de quem o experienciou, de tentar observá-lo e compreendê-lo. Propomos essa discussão a partir de haikais de Julien Vocance e de Marc-Adolphe Guégan, devido às reflexões sobre o uso particular do humor descrito e seu lugar tanto no haikai da literatura japonesa quanto no da francesa.

#### A GANÂNCIA (E A LUXÚRIA) DO *RICOMEN* AFONSINO QUE PISA “AS AZEITONAS QUE FORAN DE DON XACAFE”: UMA LEITURA DESCONFIADA DA CANTIGA “TANTO SEI DE VÓS, RICOMEN: POIS FORDES NA ALCARIA”

Thiago Costa Verissimo  
(Sedu)

A cantiga de escárnio e maldizer “Tanto sei de vós, ricomen: pois fordes na alcária”, de Afonso X – rei-trovador que, como documenta seu cancionero satírico, divertia (e criticava) sua corte, *docere et delectare*, no tocante ao conflituoso (e, por vezes, prazeroso) envolvimento com os mouros –, contextualiza, segundo consenso da crítica, eventos imediatamente posteriores à conquista de Sevilha aos mouros pelo rei Fernando III, de Castela. Em resumo, a cantiga afonsina protagonizada pelo anônimo e ganancioso nobre (*ricomen*) joga, em sentido literal, com a ganância do personagem – impressionado pela posse de uma abundante *alcária* e sua produção de olivas, localizada no *Exarafe*, ou seja, nas cercanias da cidade conquistada – e, em sentido equívoco, próprio do escárnio galego-português, com o deleite, por parte do *ricomen*, do sexo daquelas que ali habitavam (ou que para ali se dirigiam). O humor (e a crítica), como se observará, alvejará, portanto, as atitudes desse nobre que, a despeito de sua estirpe, se envolve com trabalhos físicos a ele inapropriados: pisar olivas e se deitar com servas (quicá mouras?).

59

#### A POÉTICA DE MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS E O HUMOR NEGRO

Valci Vieira dos Santos  
(Unep)

O uso do humor, sob forma de expressão, ao longo da história, tem servido como arma de combate e denúncia nas mãos de escritores e poetas que se veem incomodados diante de adversidades e misérias sociais. Mário Cesariny de Vasconcelos, poeta português surrealista,

é um desses poetas que não perdeu de vista os mais diferentes quadros sociais pintados com as cores da dor, do sofrimento e da repressão, e, por isso mesmo, faz acionar seu potencial crítico e destrutivo, através do riso, cuja arma giratória alcança as classes burguesa e operária, além de desferir golpes contra a ideologia política, a morte e o heroísmo. Para a elaboração deste trabalho, objetiva-se identificar a presença do humor na poesia do poeta luso, especialmente o humor negro, à luz dos estudos empreendidos por Lélia Maria Parreira Duarte, em sua obra “Ironia e humor na literatura” e nas reflexões de André Breton, em “Manifestos do surrealismo”.

# Programação

61



# Sinopse da Programação

## 3 de outubro

---

9h-11h30	Abertura – Auditório do IC-2 - CCHN
11h30-14h	<i>Almoço</i>
14h-16h	Simpósios Temáticos: Simpósio 1A. Sala Ingedore Koch, Prédio Bernadette Lyra (PBL) Simpósio 1B. Sala Clarice Lispector, PBL Simpósio 2A. Sala Guimarães Rosa, PBL Simpósio 3A. Sala 1, IC-3 Simpósio 4A. Auditório do IC-2 - CCHN
16h-16h30	<i>Cafezinho</i>
16h30-18h00	Simpósios Temáticos: Simpósio 4B. Sala Ingedore Koch, PBL Simpósio 5A. Sala Clarice Lispector, PBL Simpósio 6A. Sala Guimarães Rosa, PBL Simpósio 6B. Sala 1, IC-3 Simpósio 7A. Auditório do IC-2 – CCHN
18h-19h	<i>Intervalo</i>
19h-21h	Mesa-redonda 1 – Auditório do IC-2 - CCHN

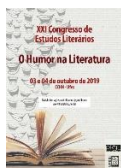
62

## 4 de outubro

---

9h-11h30	Mesa-redonda 2 – Auditório do IC-2 - CCHN
11h30-14h	<i>Almoço</i>
14h-16h	Simpósios Temáticos: Simpósio 1C. Sala Ingedore Koch, PBL Simpósio 1D. Sala Clarice Lispector, PBL Simpósio 2B. Sala Guimarães Rosa, PBL Simpósio 3B. Auditório do IC-2 - CCHN
16h-16h30	<i>Cafezinho</i>
16h30-18h	Simpósios Temáticos: Simpósio 5B. Sala Ingedore Koch, PBL Simpósio 6C. Sala Clarice Lispector, PBL Simpósio 7B. Sala Guimarães Rosa, PBL
18h30-19h	<i>Intervalo</i>
19h-21h	Conferência de Encerramento – Auditório do IC-2 - CCHN

## 3 de outubro



9h-11h30

Abertura – Auditório do IC-2 - CCHN

**Conferência**

"MILAGRES DO BRASIL SÃO": A SÁTIRA AO AMOR  
FREIRÁTICO NAS LETRAS SEISCENTISTAS

Ana Lúcia Machado de Oliveira

11h30-14h

*Almoço*

14h-16h

**Simpósios Temáticos**

**Simpósio 1A. Sala Ingedore Koch, Prédio  
Bernadette Lyra (PBL)**

A POLÍCIA VAI BATER ATÉ QUE TODOS FIQUEM  
FELIZES COM A COPA: REPRESSÃO POLÍTICA E  
DERROCADA DA DEMOCRACIA NAS TIRINHAS DE  
ANDRÉ DAHMER

Ana Luísa de Castro Soares  
Rafaela Scardino Lima Pizzol

63

E PODE A ORDEM RESTAURADORA DESFUNDAR O  
DESVAIRISMO? – NOTAS SOBRE O *PREFÁCIO*  
*INTERESSANTÍSSIMO* DE MÁRIO DE ANDRADE

Anna Viana Salviato

UMA LISTA DE RISOS CONTRA A REPÚBLICA EM *O  
MELHOR DO HUMOR BRASILEIRO*, DE FLÁVIO  
MOREIRA DA COSTA

Arnon Tragino

BALBÚRDIA NO HOSPÍCIO: HUMOR E LOUCURA  
EM *MARAT/SADE*

Attila Piovesan

**Simpósio 1B. Sala Clarice Lispector, PBL**

O HUMOR DOS CONTOS *DIÁRIOS DE LONDRES* NO  
*PASQUIM* ENTRE 1979 E 1983

Claber Borges  
Márcia Barros Ferreira Rodrigues

A SÁTIRA CONTRA AS MULHERES NA REVISTA *VIDA  
CAPICHABA*

Késia Gomes da Silva  
Ester Abreu Vieira de Oliveira



ENTRE O GOZO E O RISO: A RELAÇÃO DE  
CONFLUÊNCIA ENTRE O EROTISMO E O HUMOR  
NA POESIA DE IARA RENNÓ

Roney Jesus Ribeiro

A SÁTIRA DA MANIPULAÇÃO DA VERDADE NAS  
TIRINHAS POLÍTICAS DE RICARDO COIMBRA

Yan Patrick Brandenburg Siqueira

**Simpósio 2A. Sala Guimarães Rosa, PBL**

IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS  
CONTEMPORÂNEAS: O HUMOR EM TRÊS CANÇÕES  
DO ÁLBUM *LITTLE DARK AGE*, DE MGMT

Aline Suave Nunes

Mônica Vermes

IRONIA E RISO EM PARÓDIAS QUE CANTAM (E  
CONTAM O REAL): UMA LEITURA DIALÓGICA SOBRE  
AS VIDEOPRODUÇÕES DA FAMÍLIA PASSOS

Andressa Zoi Nathanailidis

Evandro Santana

HUMOR E INTERTEXTUALIDADE NA ÓPERA *O  
REINO DE DUAS CABEÇAS*, DE JACEGUAY LINS

Andressa Zoi Nathanailidis

Paula Maria Lima Galama

O PRETO QUE SATISFAZ: HUMOR E CRÍTICA EM  
GONZAGUINHA

Daniella Bertocchi Moreira

Jorge Luiz do Nascimento

O HUMOR NA CANÇÃO POPULAR PAULISTA NAS  
DÉCADAS DE 50 & 60

Gabriel Caio Correa Borges

**Simpósio 3A. Sala 1, IC-3**

HOMENS VIRTUOSOS CONSEGUEM SER  
ENGRAÇADOS? O HUMOR DE MARCO TÚLIO  
CÍCERO EM SUAS INVECTIVAS

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira

Leni Ribeiro Leite

*DE RISU*, DE QUINTILIANO: O RISO NA ORATÓRIA

Fernanda Santos

UMA SALVADOR ANGOLANA: REFLEXOS DA  
MORDACIDADE DE JUVENAL NAS MÁSCARAS  
SATÍRICAS DE GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA

Giovani Roberto Gomes da Silva

O VITUPÉRIO INVECTIVO NOS EPIGRAMAS DE  
MARCIAL

Leni Ribeiro Leite

64

**Simpósio 4A. Auditório do IC-2 – CCHN**  
O USO DE CRÔNICAS HUMORÍSTICAS NAS AULAS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ESTRATÉGIA DE  
INCENTIVO À LEITURA

Alice Lorenção  
Izadora Pedruzzi  
Karine Silveira

O HUMOR EM *FARSA DE INÊS PEREIRA*, DE GIL  
VICENTE

Ana Cristina Alvarenga de Souza  
Pâmella Possatti Negreli

DO HUMOR À DOR: O RISO EM CRUZ E SOUZA  
Elaine Cristina Borges de Souza

ANEDOTAS E HUMOR NA MICROLOGIA E NA  
*TUTAMEIA* DAS “TERCEIRAS ESTÓRIAS”

Paulo Muniz da Silva

16h-16h30

*Cafezinho*

16h30-18h00

**Simpósios Temáticos**

**Simpósio 4B. Sala Ingedore Koch, PBL**  
RACISMO RECREATIVO EM *O TICO-TICO: JORNAL  
DAS CRIANÇAS* (1905-1961)

Renata Gonçalves Gomes

HUMOR SATÍRICO, LITERATURA E CINEMA:  
INFLEXÃO TEÓRICO-CRÍTICA A PARTIR DE  
THEODOR ADORNO E ALEXANDER KLUGE

Robson LOUREIRO

“HUMOR NO HOLOCAUSTO”: O RISO COMO  
MECANISMO DE AUTOPRESERVAÇÃO DURANTE O  
REGIME CONCENTRACIONÁRIO

Síleyr dos Santos Ribeiro

**Simpósio 5A. Sala Clarice Lispector, PBL**

HUMOR E POESIA: REFLEXÕES A PARTIR DO  
MANUAL DO PROFESSOR

Daiane Francis Ferreira  
Mariana Passos Ramalhete

POESIA, HUMOR E FORMAÇÃO CRÍTICA EM UMA  
DISCIPLINA DE PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE  
FERNANDA TATAGIBA, MARA CORADELLO E SUELY  
BISPO

Maria Amélia Dalvi

O HUMOR EM POEMAS INFANTIS: RISO E REFLEXÃO

Maria Amélia Dalvi  
Monick Pereira de Araújo dos Santos

65

MURILO MENDES À PROCURA DE UM SABIÁ COM  
CERTIDÃO DE IDADE: CANÇÃO DO EXÍLIO E  
MODERNISMO

Régis Frances Telis

POR QUE E COMO CERTOS POEMAS FAZEM RIR?  
UMA LEITURA DE POEMA-PIADA – BREVE  
ANTOLOGIA DA POESIA ENGRAÇADA (2017)

Wilberth Salgueiro

**Simpósio 6A. Sala Guimarães Rosa, PBL**

HUMOR E IRONIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS:  
RIR PARA NÃO CHORAR

Alcione Candido da Silva  
Alexsandro Rosa Soares

HERANÇAS DO TERROR: HUMOR E RESISTÊNCIA NA  
NARRATIVA *PEGA PRA KAPPUT!*

Carlos Augusto Carneiro Costa

O HUMOR CORROSIVO DE VICTOR GIUDICE NO  
ROMANCE *BOLERO*

Carolina Veloso

O DUELO DE SUASSUNA: A DESCONSTRUÇÃO DO  
EMBATE PELO VIÉS DO HUMOR EM *O ROMANCE DA  
PEDRA DO REINO*

Edna da Silva Polese

66

**Simpósio 6B. Sala 1, IC-3**

MAFALDA E SEU HUMOR CRÍTICO: VAMOS REFLETIR,  
CRIANÇAS?

Fabiani Rodrigues Taylor Costa

A REPRESSÃO BATE À PORTA: HUMOR E LUTA EM  
*OS VISITANTES*, DE BERNARDO KUCINSKI

Flora Viguini do Amaral

O CHISTE *RILKE SHAKE*, DE ANGÉLICA FREITAS,  
COMO RESISTÊNCIA E COMO CRÍTICA

Lucas dos Passos

LITERATURA E HUMOR: ENTRE CRÍTICAS E RISOS  
SOBRE AS MEMÓRIAS DE UM SARGENTO  
PROMOVIDO A CAPITÃO DE MILÍCIAS NO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO

Lucimar Simon

**Simpósio 7A. Auditório do IC-2 – CCHN**

IRONIA EM *THE AGE OF INNOCENCE*: UM DELEITE  
PARA O LEITOR

Adriana Falqueto Lemos  
Rossanna dos Santos Santana Rubim

O CÔMICO NA COMÉDIA “IL SERVITORE DI DUE  
PADRONI”, DE CARLO GOLDONI

Caroline Barbosa Faria Ferreira

A PERCEPÇÃO DO HUMOR PELO LEITOR BRASILEIRO  
NA OBRA *LAZARILLO DE TORMES*

Cláudia Paulino de Lanis Patrício

UMA VISÃO PANORÂMICA DO HUMOR E DO RISO  
NA LITERATURA ESPANHOLA; DA IDADE MÉDIA A  
MIGUEL DE CERVANTES

Ester Abreu Vieira de Oliveira  
Maria Mirtis Caser

“POR QUE RIMOS DO QUE ELES DIZEM?”: REFLEXÕES  
SOBRE A PRESENÇA DA COMÉDIA FRANCESA NOS  
PALCOS BRASILEIROS

Grace Alves da Paixão

18h-19h

*Intervalo*

19h-21h

**Mesa-redonda 1 – Auditório do IC-2 - CCHN**  
HUMOR E HUMORES NA LITERATURA: RINDO COM  
HOMERO, CERVANTES, SHAKESPEARE *ET ALII*

Manoel Herzog

RISOS COMO ÍNDICES DE BOM HUMOR (OU NÃO)

Roberto Perobelli

## 4 de outubro



9h-11h30

**Mesa-redonda 2 – Auditório do IC-2 - CCHN**  
O RISO E O SISO NO JOGO RETÓRICO-POÉTICO DA  
SÁTIRA GALEGO-PORTUGUESA

Fernanda Scopel Falcão

JUVENAL E O HUMOR: HÁ GRAÇA NOS *HUMORES*  
DO SATIRISTA JUVENALIANO?

Rafael Cavalcanti do Carmo

O PESSIMISMO GALHOFEIRO DE MACHADO DE  
ASSIS: RINDO DA VOLUPTUOSIDADE DA DOR E DA  
VOLUPTUOSIDADE DO NADA

Vitor Cei

11h30-14h

*Almoço*

14h-16h

**Simpósios Temáticos**  
**Simpósio 1C. Sala Ingedore Koch, PBL**  
“ROBÔ DO PRESIDENTE PERFEITO”

Júlia Cristina Willemann Schutz  
Maria Lucia de Barros Camargo

HUMOR E POLÍTICA EM “O MITO”, DE LAURO  
CÉSAR MUNIZ

Marcela Oliveira de Paula

UBALDO, O PARANOICO: O HUMOR NO HORROR

Maria Isolina de Castro Soares

*PILATOS*, DE CARLOS HEITOR CONY: UMA SÁTIRA  
MELANCÓLICA DO BRASIL DOS ANOS 1970

Marina Silva Ruivo

**Simpósio 1D. Sala Clarice Lispector, PBL**  
O RISO *ANTIMODERNO* EM MACHADO DE ASSIS

Felipe Bastos Mansur da Silva

DUAS COMÉDIAS DE MACHADO DE ASSIS

Fernanda Maia Lyrio  
Wolmyr Aimberê Alcantara Filho

“Ó GIRA! Ó GIRA!”: A LOUCURA COMO HUMOR EM  
QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE ASSIS

Rogério de Nazareth Soares

68

O HUMOR POLÍTICO DE MACHADO DE ASSIS:  
ANARQUISMO E SOCIALISMO SOB A PENA DA  
GALHOFA

Vitor Cei

**Simpósio 2B. Sala Guimarães Rosa, PBL**  
A TROPICÁLIA ENTRE O RUMOR E O HUMOR

Héber Ferreira de Souza

IRONIA COMO RESISTÊNCIA: PRA QUE DISCUTIR  
COM MADAME?

Jorge Nascimento

HUMOR E SUICÍDIO FEMININO: À BEIRA DO  
OITAVO ANDAR COM CLARICE FALCÃO

Lúcio Vaz de Oliveira

TRISTEZA ALEGRE: UMA LEITURA DO "SAMBA DA  
BENÇÃO", DE VINÍCIUS DE MORAES E BADEN  
POWELL

Luiz Cláudio Sousa

Rafael Fava Belúzio

**Simpósio 3B. Auditório do IC-2 – CCHN**

O USO DOS COMEDIÓGRAFOS ANTIGOS NAS SILVAS  
DE ESTÁCIO E POLIZIANO

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho

PERFORMANCE, RECEPÇÃO, RISO, RETÓRICA E  
TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE RÃS DE ARISTÓFANES  
PARA OS PALCOS BRASILEIROS

Marco Aurélio Rodrigues

O RISO NA SÁTIRA ROMANA

Marihá Barbosa e Castro

16h-16h30

*Cafezinho*

16h30-18h

**Simpósios Temáticos**

**Simpósio 5B. Sala Ingedore Koch, PBL**

O POEMA "OBRAR", DE MANOEL DE BARROS, LIDO  
À LUZ DO HUMOR EM FREUD E DA CRÍTICA À  
SOCIEDADE DO CONSUMO E DA ACELERAÇÃO

Fabiana Monnerat de Melo

Maria Amélia Dalvi

EFEITOS DO *PSOGOS* NO POEMA "PATRÃO" DE  
NOÊMIA DE SOUSA

Hêmille Raquel Santos Perdigão

Bernardo Nascimento de Amorim

POESIA CONTEMPORANEÍSSIMA E O CÔMICO:  
"UMA FACE" E "STRIP-TEASE" DE BRUNA KALIL  
OTHERO

Ravena Brazil Vinter

Rosana Carvalho Dias Valtão

O HUMOR NA COLÔMBIA "TUERTA": A POESIA  
IRREVERENTE DE LUIS CARLOS LÓPEZ

Carolina Fernanda Gartner Restrepo  
Ricardo Javier Barreto Montero

A TIRANIA NOSSA DE CADA DIA DESDE SEMPRE

Pedro Antônio Freire

**Simpósio 6C. Sala Clarice Lispector, PBL**

A GRAÇA QUE GRASSA EM(NAS) *DIGITAIS* DE  
WILBERTH SALGUEIRO

Luiz Romero de Oliveira

“FELIZ ANO NOVO”, UM CONTO DE HUMOR E  
DOR

Nanine Renata Passos dos Santos Pereira

ENTRE LÁGRIMAS E GARGALHADAS: UMA LEITURA  
DE *O TRÁGICO E OUTRAS COMÉDIAS*, DE VERONICA  
STIGGER

Susana Souto Silva

HUMOR E INVENÇÃO EM *ME SEGURA QU'EU VOU  
DAR UM TROÇO*

Tazio Zambi de Albuquerque

**Simpósio 7B. Sala Guimarães Rosa, PBL**

O HUMOR FEMINISTA DE MURIEL SPARK EM “MISS  
PINKERTON'S APOCALYPSE”

Laura Ribeiro da Silveira

HUMOR E CARNAVALIZAÇÃO EM *BÓBOK*, DE  
FIÓDOR DOSTOIÉVSKI: APONTAMENTOS SOBRE O  
RISO GROTESCO NO CONTEXTO RUSSO DO SÉCULO  
XIX

Letícia Queiroz de Carvalho

OS HUMORES EM SAMUEL BECKETT: UMA ANÁLISE  
DO CÔMICO EM *PREMIER AMOUR*

Renata Vaz Shimbo

O HUMOR NA LITERATURA DE TESTEMUNHO:  
HAIKAIS FRANCESES DA PRIMEIRA GUERRA  
MUNDIAL

Roberto D'Assumpção Silva  
Wilberth Salgueiro

A GANÂNCIA (E A LUXÚRIA) DO *RICOMEN*  
AFONSINO QUE PISA “AS AZEITONAS QUE FORAN  
DE DON XACAFE”: UMA LEITURA DESCONFIADA DA

CANTIGA “TANTO SEI DE VÓS, RICOMEN: POIS  
FORDES NA ALCARIA”

Thiago Costa Verissimo

70

A POÉTICA DE MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS E  
O HUMOR NEGRO

Valci Vieira dos Santos

18h30-19h

*Intervalo*

19h-21h

**Conferência de Encerramento – Auditório do  
IC-2 - CCHN**

LUGARES DE RISO: A PSICANÁLISE E OS LIMITES DO  
HUMOR NA ATUALIDADE

Daniel Kupermann



## Orientações gerais para apresentação dos trabalhos:

---

**Apresentação de trabalho:** Para o dia do evento, sugerimos que os participantes preparem textos de *cerca de cinco páginas para leitura* a ser exposta em 15 minutos nas sessões de comunicação.

**Publicação de trabalhos:** Os trabalhos apresentados no **XXI Congresso de Estudos Literários**, e devidamente normalizados, serão publicados em anais eletrônicos no site do PPGL.

### Normas Editoriais:

1. Os textos devem ter de 12 a 24 laudas, incluindo os anexos, redigidos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano. A sequência do texto deve apresentar: título do texto em maiúsculas e centralizado; nome(s) do(s) autor(es), titulação acadêmica e instituição em que atua profissionalmente ou desenvolve a pós-graduação; resumo na língua do artigo e em inglês, palavras-chave na língua do texto e em inglês (no caso de artigos em língua estrangeira, palavras-chave em português), texto, referências e anexos.

2. A digitação do texto deve ser feita em Word for Windows (edição 6.0 ou superior), fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento simples (1,0), parágrafos em modo justificado sem recuo. Entre partes do texto e entre texto e exemplos, citações, tabelas, ilustrações etc., utilizar 1 espaço simples. Formato de papel A4, com margem normal. Deve-se evitar formatação automática de espaçamentos no texto.

3. Os resumos devem ser antecidos pela expressão RESUMO (ABSTRACT) em maiúsculas, seguida de dois pontos. O texto dos resumos, em fonte Times New Roman, corpo 10, segue na mesma linha e deve ficar entre 100 e 150 palavras, em que constem tema, *corpus*, objetivos, metodologia do trabalho e resultados da discussão proposta.

4. As palavras-chave devem ser antecidas pela expressão PALAVRAS-CHAVE (KEYWORDS) em maiúsculas, seguida de dois pontos. Utilizar entre três e cinco palavras-chave que especifiquem o conteúdo do trabalho, em fonte Times New Roman, corpo 10, com inicial em maiúscula, separadas por ponto.

5. Os títulos de seções devem ser digitados em fonte Times New Roman, tamanho 12, em negrito e duas linhas após o último

parágrafo da seção anterior. Apenas a primeira letra de cada subtítulo deve ser grafada com caracteres maiúsculos, exceto nomes próprios.

6. As referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ABNT: (SILVA, 2005, p. 36). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

7. A citação deve seguir as normas da ABNT: citações até três linhas no texto sempre devem vir entre aspas e nunca em itálico (este deve ser utilizado para termos estrangeiros ou destaque). Exemplos de *corpora* analisados devem vir no padrão de citação: recuo de 4 cm, espaçamento simples, fonte Times New Roman, corpo 10.

8. As notas de rodapé, se efetivamente necessárias, devem aparecer em sequência numérica, com fonte corpo 10. Se houver nota no título, marcar com asterisco (\*). Não se deve usar nota para citar referência.

9. Tabelas, quadros e ilustrações autorizadas (desenhos, gráficos etc.) devem ser previamente escaneados e inseridos no texto, prontos para a editoração eletrônica. Os títulos de figuras devem ser digitados com fonte Times New Roman, tamanho 10, em formato normal, centralizado. Tabelas, quadros, ilustrações devem ser identificados por legendas.

10. Os anexos devem ser entregues igualmente prontos para a editoração eletrônica. Para anexos que se constituem de textos já publicados, o autor deve incluir referência bibliográfica completa.

11. As referências, seguindo as normas vigentes da ABNT, devem ser antecidas da expressão “Referências”, em negrito. A primeira deve ser redigida na segunda linha abaixo dessa expressão. Os autores devem ser citados em ordem alfabética, sem numeração, sem espaço entre as referências e sem recuo. As referências de mesmo autor devem ser realizadas em ordem decrescente, repetindo-se o nome em todas elas.

**Informações:** <http://www.lettras.ufes.br/>

**Contato:** [xxicel.humor@gmail.com](mailto:xxicel.humor@gmail.com)

## Localização da Ufes e indicações de hospedagem e restaurantes:

---

Prezados participantes,

Com o intuito de tornar a experiência de participação no **XXI Congresso de Estudos Literários – O Humor na Literatura** a mais agradável e prática possível, gostaríamos de compartilhar com vocês as informações a seguir.

### Vitória

A cidade-ilha de Vitória, capital do Espírito Santo, oferece muitas opções de lazer e turismo para os visitantes de fora. Sugerimos consultar o site: <http://www.vitoria.es.gov.br/turista>

### Como chegar

Para quem vem de ônibus: a Rodoviária de Vitória fica na região do Centro da cidade, no bairro chamado Ilha do Príncipe. Da Rodoviária ao *Campus* de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde ocorrerá o evento, o trajeto é de 10km, aproximadamente, e leva em torno de 20 ou 30 minutos de carro, Uber, táxi ou ônibus.

Para quem vem de avião: o Aeroporto de Vitória fica no bairro Goiabeiras, próximo ao *Campus* da Ufes onde ocorrerá o evento. O trajeto é de 6km, aproximadamente, e leva em torno de 10 ou 20 minutos de carro, Uber, táxi ou ônibus.

Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Ufes, pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Fernando Ferrari, no bairro Goiabeiras (são muitas opções). Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Orla de Camburi (onde ficam alguns dos hotéis recomendados pela organização), pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Dante Michelini (são também muitas opções).

### Localização do evento no *Campus* Goiabeiras

O *Campus* Universitário onde ocorrerá o evento fica na Av. Fernando Ferrari, no Bairro Goiabeiras, Vitória. O bairro mais próximo com melhor infraestrutura chama-se Jardim da Penha, situado entre a Orla de Camburi (onde ficam alguns hotéis recomendados pela organização) e a Ufes; também os bairros da

Praia do Canto e de Jardim Camburi oferecem boas opções de restaurantes e hotéis.

Uma vez no *Campus* Universitário de Goiabeiras, o evento ocorrerá no prédio Bernadette Lyra e na sala 1 do IC-3, para mesas de comunicações (tarde dos dias 3 e 4/10), e no auditório do IC-2, para as conferências de abertura e encerramento, as mesas-redondas e para mesas de comunicações. Todos os espaços se situam no CCHN.

Mais informações podem ser solicitadas na Secretaria Integrada dos Programas de Pós-Graduação do CCHN – SIP-CCHN, sala 108, térreo do Prédio Barbara Weinberg, localizado entre o estacionamento do CCHN e a Cantina do Onofre.

## UFES - Universidade Federal do Espírito Santo *Conheça os principais serviços oferecidos*

### Sobre campus

Calouros, o campus de Goiabeiras está localizado na cidade de Vitória e é o maior dos quatro campi da Universidade Federal do Espírito Santo. Nele está a sede da Universidade e recebe em seu território cerca de 22 mil pessoas diariamente, entre estudantes, professores, servidores e visitantes, procurando por serviços oferecidos.

Os prédios existentes no campus estão representados no mapa abaixo, juntamente com informações sobre alguns dos principais serviços procurados pelos frequentadores da UFES.

### Centros de Ensino

- A. Centro de Educação Física e Desportos
- B. Centro de Artes
- C. Centro de Ciências Exatas
- D. Centro de Ciências Humanas e Naturais
- E. Centro de Educação
- F. Centro Tecnológico
- G. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

### 1. Pró-Reitoria de Graduação

Gerencia informações relacionadas à graduação como matrícula, transferência de cursos, trancamento, colação de grau ou desligamento, calendário acadêmico e registro de diplomas.

### 1. Pró-Reitoria de Extensão

Implementa e expande relações entre Universidade e sociedade por projetos educacionais, culturais e científicos.

### 2. Teatro Universitário

É o maior e mais moderno teatro do Estado, com cerca de 650 lugares, e referência na realização de eventos.

### 3. Cine Metrôpolis

É um cinema cujo objetivo é exibir produções que frequentemente estão fora do ciclo comercial.

### 3. Ouvidoria Geral

Setor que recebe reclamações relacionadas à comunidade universitária e as encaminha aos setores competentes.

### 4. Reitoria

Órgão executivo da administração central da Universidade. Supervisiona, coordena e fiscaliza as atividades universitárias.

### 4. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Cuida do desenvolvimento da pesquisa acadêmica, científica e tecnológica.

### 5. Restaurante Universitário

Oferece alimentação a preço acessível para estudantes e visitantes da Universidade.

### 5. Diretório Central dos Estudantes

É o órgão que representa todos os estudantes da UFES.

### 6. Biblioteca Central

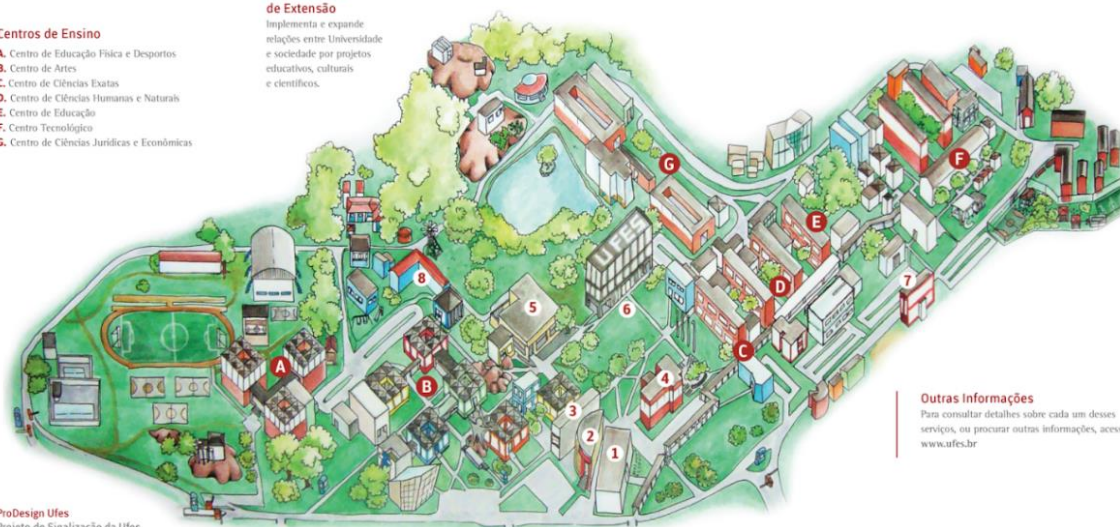
É a maior biblioteca do Estado e a principal da Universidade. Os alunos são inscritos automaticamente.

### 7. Centro de Línguas

Oferece cursos de vários idiomas, além do curso de português para estrangeiros e para fins de concursos.

### 8. Creche

Estudantes da UFES têm direito de recorrer a vagas no Centro de Educação Infantil (Criarte).





ProDesign Ufes  
Projeto de Sinalização da Ufes  
CAI/DDI

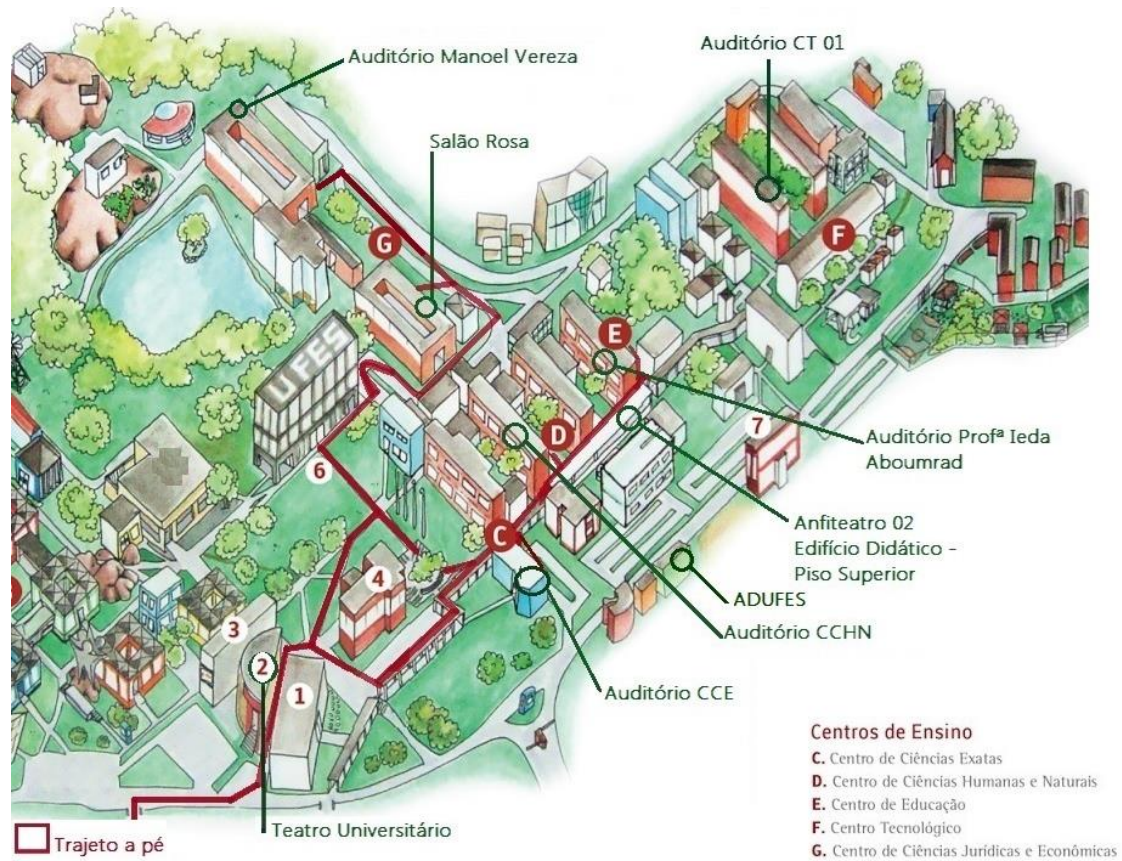
### Outras Informações

Para consultar detalhes sobre cada um desses serviços, ou procurar outras informações, acesse: [www.ufes.br](http://www.ufes.br)

Ilustração e projeto gráfico: Mariane Rocha Orientação: Priscilla Garone

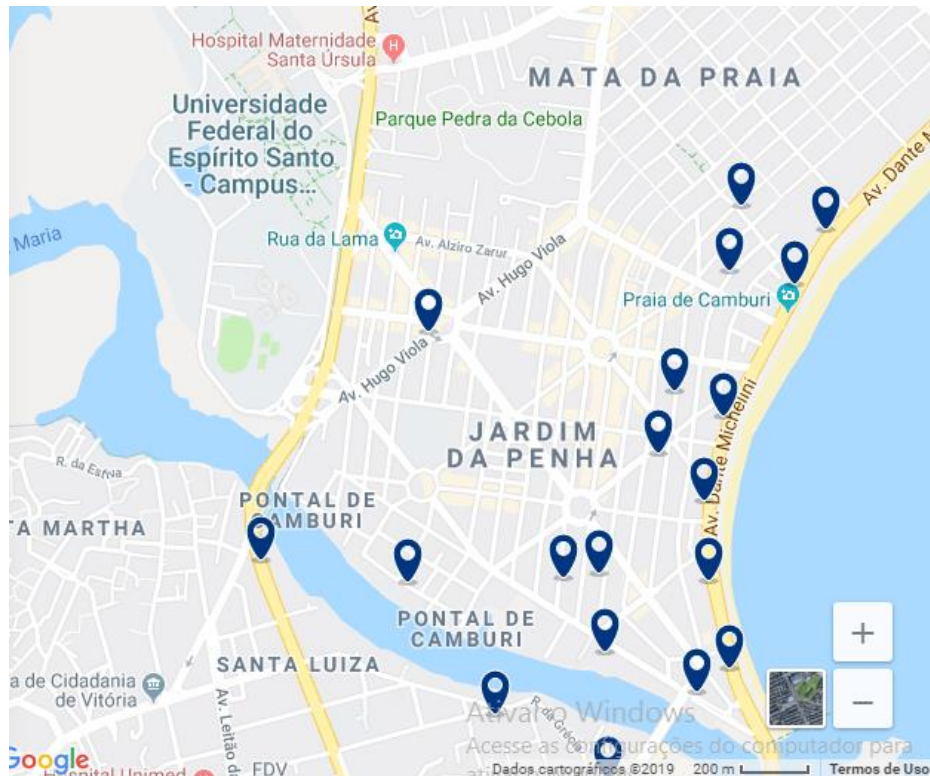


- |   |   |
|---|---|
|  Passagem de Veículos  | <b>10</b> ADUFES  |
|  Passagem de Pedestres | <b>11</b> IC - I / Centro de Ciências Exatas (CCE)  |
| <b>1</b> Entrada Principal  | <b>12</b> IC - II / Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN)                                  |
| <b>2</b> Entrada Sul  | <b>13</b> IC - III / Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN)                                 |
| <b>3</b> Entrada Norte  | <b>14</b> IC - IV / Centro de Educação (CE/ IC-IV) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) |
| <b>4</b> Teatro Universitário   | <b>15</b> Anexo CCHN e Centro de Educação   |
| <b>5</b> Cine Metrôpolis e Cantina  | <b>16</b> Centro de Educação Física e Desportos   |
| <b>6</b> Centro de Artes  | <b>17</b> Centro Tecnológico (CT)   |
| <b>7</b> Centro de Educação Física e Desportos  | <b>18</b> Auditório do CCJE e Salão Rosa  |
| <b>8</b> Restaurante Universitário  | <b>19</b> Cantina CCJE  |
| <b>9</b> Biblioteca Central   |   |

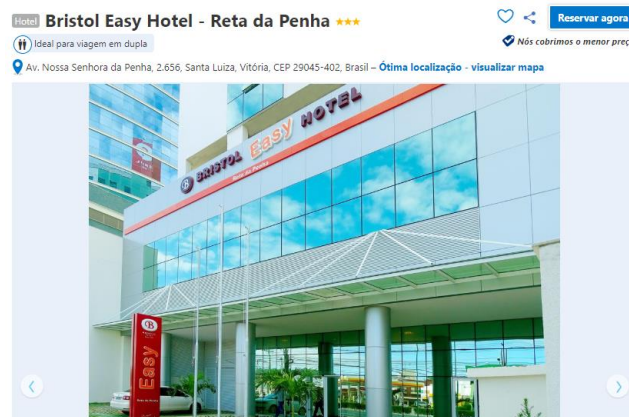


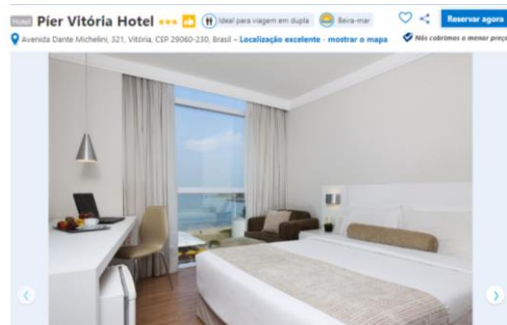
## Hospedagem:

Recomenda-se, pela proximidade com o *Campus* e com a Orla de Camburi, os seguintes hotéis, todos localizados na Avenida Dante Michelini, e com café da manhã incluso na diária. Todos ficam localizados a mais ou menos 30 minutos a pé e a 10 minutos de carro.



78





79

Mais informações:

Onde hospedar:

<https://www.ondehospedar.com.br/vitoria-es-hotel.html>

Sou ES:

[http://www.soues.com.br/plus/modulos/estabelecimento/index.php?filter\\_tip\\_oshospedagem=&cdgrupo=12&cdmunicipio=2048](http://www.soues.com.br/plus/modulos/estabelecimento/index.php?filter_tip_oshospedagem=&cdgrupo=12&cdmunicipio=2048)

Guiamais:

<https://www.guiamais.com.br/encontre?searchbox=true&what=hoteis&where=Vit%C3%B3ria%2C+ES>



## **Restaurantes:**

Dentro da Ufes, ainda com poucas cantinas, há um serviço de alimentação a quilo, localizado no Centro de Tecnologia (CT). Além disso, há vários restaurantes *self-service* populares muito próximos à Ufes, bem como restaurantes *fast-food*; todos eles ficam no entorno ou na Avenida Anísio Fernandes Coelho, conhecida como Rua da Lama – que também congrega os bares mais frequentados pelo público universitário, à noite. Esses ficam a 5 minutos a pé, em relação ao portão principal do *Campus*. Há ainda outras opções a quilo ou *a la carte* no bairro de Jardim da Penha, a 5 ou 10 minutos de carro ou Uber em relação ao portão principal do *Campus*. Algumas dicas:

### **RU - Restaurante universitário**

Restaurante self-service

Abre às 11:00

### **Restaurante Sabor e Cia.**

Restaurante self-service

Centro Tecnológico – Ufes

### **Kaffa Cafeteria**

Almoço executivo/lanches

R. Darcy Grijó, 50 - 03/04 – Em frente à Ufes

80

### **Self Service Corais**

Restaurante self-service

R. Eugenílio Ramos, 755

### **Panaché Restaurante**

Restaurante self-service

R. Eugenílio Ramos, 676

Opções vegetarianas

### **Restaurante MaHi**

Bufê

Av. Francisco Generoso da Fonseca, 588

Mais informações:

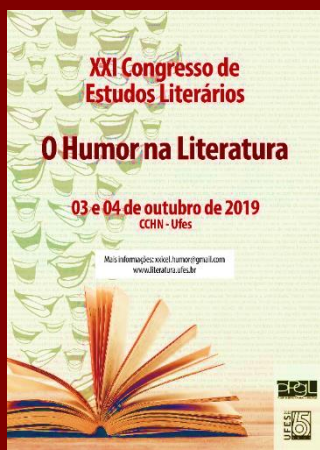
Sou ES:

[http://www.soues.com.br/plus/modulos/estabelecimento/index.php?filter\\_rest\\_tipo\\_cozinha=&filter\\_rest\\_media\\_preco=&cdgrupo=1&cdmunicipio=2048](http://www.soues.com.br/plus/modulos/estabelecimento/index.php?filter_rest_tipo_cozinha=&filter_rest_media_preco=&cdgrupo=1&cdmunicipio=2048)

Guiamais:

<https://www.guiamais.com.br/encontre?searchbox=true&what=restaurante&where=Vit%C3%B3ria%2C+ES>





**XXI Congresso de  
Estudos Literários**

## **O Humor na Literatura**

**03 e 04 de outubro de 2019**  
CCHN - Ufes

Mais informações: [xxi.humor@gmail.com](mailto:xxi.humor@gmail.com)  
[www.literatura.ufes.br](http://www.literatura.ufes.br)

